

ESPECIAL BATATA

Como lucrar em tempos de custos em alta?

Técnicas modernas de gestão são o assunto do Especial Batata 2008 (edição de novembro)



A edição será distribuída durante o IV Seminário Brasileiro da Batata, nos dias 12 e 13 de novembro, em Uberlândia (MG).

PARA USO DOS CORREIOS

- | | |
|------------------------------------------------|------------------------------------------------|
| 1 <input type="checkbox"/> Mudou-se | 2 <input type="checkbox"/> Falecido |
| 3 <input type="checkbox"/> Desconhecido | 4 <input type="checkbox"/> Ausente |
| 5 <input type="checkbox"/> Recusado | 6 <input type="checkbox"/> Não procurado |
| 7 <input type="checkbox"/> Endereço incompleto | 8 <input type="checkbox"/> Não existe o número |
| 9 <input type="checkbox"/> _____ | 10 <input type="checkbox"/> CEP incorreto |

Reintegrado ao Serviço Postal em ____/____/____

Em ____/____/____ Responsável _____

Impresso Especial
1.74.18.0518-7/2001-DR/SPI
Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz

... CORREIOS ...



IMPRESSO

Uma publicação do CEPEA USP/ESALQ

Av. Centenário, 1080 CEP: 13416-000 Piracicaba (SP)

Tel: 19 3429.8808 - Fax: 19 3429.8829

e-mail: hfbrazil@esalq.usp.br

Hortifruti Brasil

Uma publicação do CEPEA - ESALQ/USP
Ano 7 - Nº 72 - Setembro de 2008 - ISSN 1981-1837




VALORIZAÇÃO DOS HORTIFRUTÍCOLAS

Produtor: cuidado com as armadilhas dos ciclos econômicos!

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
VENDA PROIBIDA

www.cepea.esalq.usp.br/hortifruti



**Para combater pragas,
doenças e até as dúvidas
que prejudicam a lavoura.**

**BASE
FORTE**

As inúmeras pragas e doenças com alto poder destrutivo às lavouras, somadas às exigências de qualidade impostas pelo mercado aos alimentos consumidos in natura, apresentam um grande desafio aos produtores das culturas de hortifruti na hora de escolher as soluções ideais de controle. Para facilitar esta decisão, a Syngenta criou o Base Forte, um conceito amplamente testado e aprovado que, de forma simples e eficaz, resulta em lavouras mais saudáveis e produtivas.

Fale com seu distribuidor Syngenta ou consulte o site www.syngenta.com.br/hortifruti e saiba mais sobre o Base Forte.



SIMPLES NO USO,
SUPERIOR NO
CONTROLE.

© Syngenta 2008



0800 704 4304
faleconosco.casa@syngenta.com

syngenta.

www.syngenta.com.br

ALTA DOS HORTIFRUTÍCOLAS



Margarete Boteon (esq.) e Larissa Gui Pagliuca são as autoras da *Matéria de Capa* sobre a alta dos hortifrutis.

Uma onda generalizada de aumento de preços atingiu intensamente os principais mercados mundiais no primeiro semestre de 2008. Mas, por que os hortifrutícolas subiram tanto? Em primeiro lugar, a produção de alimentos não acompanhou o significativo crescimento da população. Além disso, milhões de pessoas saíram do grupo da pobreza na última década, gerando aumento da demanda para o qual o mundo não estava preparado. Outro fator que pesou nos preços dos alimentos foi a alta dos custos de produção, em boa parte puxada pela valorização do petróleo.

No caso do mercado brasileiro de hortifrutícolas, a oferta de praticamente todos os produtos pesquisados pela equipe do Cepea reduziu no primeiro semestre deste ano em comparação com a safra anterior. Em alguns casos, como no do mamão, isso ocorreu porque produtores se desestimularam a investir devido ao alto custo de produção; noutras situações, como do melão, batata e laranja devido a problemas climáticos. Para a banana, cebola e tomate, a redução de oferta se deu pela combinação desses dois motivos.

Se a tendência de queda de preços de commodities observada na primeira quinzena de agosto permanecer, o produtor pode, mais uma vez, ter caído na armadilha dos ciclos de mercado, que já deveriam ser bem conhecidos por produtores e agentes que com eles comercializam insumos em geral, com destaque para máquinas. O alerta é do coordenador científico do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), o professor da Esalq/USP Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros, ao

tomar em consideração os investimentos substanciais feitos por produtores.

Para avaliar o comportamento geral dos hortifrutícolas no atacado de São Paulo, a equipe da **Hortifruti Brasil** construiu o Indicador de Preços Hortifruti/Cepea que pondera os preços no atacado de São Paulo (Ceagesp) de nove produtos levantados pelo Centro (banana, batata, cebola, laranja, mamão, manga, melão, tomate e uva). Maçã e cenoura ainda não integram esse cálculo porque as pesquisas sobre esses produtos foram iniciadas em 2008. Para definir a participação de cada produto no Indicador Hortifruti/Cepea, foi considerado o consumo médio das famílias brasileiras indicado pela Pesquisa de Orçamento Familiar (POF), do IBGE, de 2003.

A preocupação atual, portanto, é: qual será o impacto na rentabilidade dos hortifruticultores que adquiriram insumos mais caros para produzir neste semestre, mas que podem receber preços menores por suas safras? Confira na *Matéria de Capa* desta edição.

A Improcrop® dispõe de uma ampla linha de produtos para a Citricultura - Confira alguns:

Crop-Set®

Otimização dos processos fisiológicos da planta. Maior produtividade e padronização da colheita.

Conheça também

Linha Liqui-Plex®



Liqui-Plex
CaMg+B

O melhor em aminoácidos com a perfeita relação entre Cálcio/Magnésio enriquecida com Boro

Liqui-Plex
Fruit

Fornecimento de aminoácidos de extrema qualidade enriquecida com Cálcio, Boro, Manganês e Zinco para citros, frutas e café

IMPROCROP®

Tel. (41) 3268-0595 • Fax. (41) 3268-0935 • falecomimprocrop@alltech.com
Rua Saïd Mohamad El Khatib, 200 • Curitiba • Paraná • CEP 81170-610

ESCREVA PARA NÓS

Envie suas opiniões, críticas e sugestões para:

Hortifruti Brasil

Av. Centenário, 1080

Cep: 13416-000 - Piracicaba (SP)

hfbrasil@esalq.usp.br

Envie também a foto de sua produção!

HORTIFRUTI BRASIL ON-LINE



Acesse a versão *on-line* da **Hortifruti Brasil** no site:

www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil.

A última edição é atualizada até o DIA 10. Além disso, todas as edições estão disponíveis no site.

Uvas finas de mesa



Fotos enviadas por Patrícia Aparecida de Carvalho. A produção de uvas finas de mesa é de seu pai, Paulo Guedes de Carvalho, de Pilar do Sul (SP). As fotos ilustram a colheita das variedades rubi e itália, realizada em março deste ano.

OPINIÃO

Minimamente processados

Sou paulista, resido em Vilhena (RO), onde elaboro projetos técnicos financeiros para indústria, comércio e serviço, além de lecionar Ciências Econômicas na Universidade Federal de Rondônia (Unir). Um amigo, sócio de uma loja de insumos agropecuários (Agrocampo) desta cidade, assinante da revista **Hortifruti Brasil**, mostrou-me o exemplar nº 70, recebido recentemente, e fiquei interessadíssimo, pois uso tais assuntos em projetos, além de estarmos nos preparando para executar atividades de minimamente processados em Cuiabá (MT). Estou providenciando através de vosso site a assinatura, se é que posso ter tal privilégio. Parabenizo Mayra Monteiro Viana e Renata Pozelli Sabio pela *Matéria de Capa*. É muito bom saber que tem gente interessada no assunto. Grato pela atenção. Bom trabalho!

Adair Jesus Fébba

adairfebba@uol.com.br

Seção Eletrônica

Estou recebendo a Seção Eletrônica de vocês e tem sido de grande importância para mim

e para a empresa que trabalho (Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais – Epamig). Tenho interesse também em receber as edições das revistas. Seria possível? Desde já agradeço e aproveito a oportunidade para parabenizá-los pelo excelente trabalho.

Luciano Donizete Gonçalves - Pesquisador - Olericultura
luciano@epamig.br

*Agradecemos o interesse pela **Hortifruti Brasil**. O cadastramento da Seção Eletrônica permite que você receba a revista **Hortifruti Brasil** em formato PDF por e-mail e não impressa. Temos a política de distribuir exemplares impressos somente a produtores dos 11 produtos-alvo da publicação. Como a intenção não é restringir o acesso ao conteúdo que elaboramos, disponibilizamos na íntegra, para todos os interessados, a versão eletrônica da revista, inclusive edições anteriores. Para receber por e-mail o link de cada nova edição da revista e as Seções Eletrônicas, basta se cadastrar gratuitamente em: *Maior Comunidade Hortifrutícola da Internet* (www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil).*

Seção Eletrônica

Hortifruti Brasil

Informações semanais sobre o seu produto.

MAIOR COMUNIDADE
HORTIFRUTICOLA
DA INTERNET
Faça aqui seu cadastro!

Você não precisa esperar até a próxima edição para se manter informado a respeito dos preços dos produtos-alvo da **Hortifruti Brasil**.

Receba toda segunda-feira no seu e-mail os preços dos hortifrutícolas de seu interesse.

Cadastre-se

Para se cadastrar é necessário entrar na página da **Hortifruti Brasil** no site do Cepea

www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil



ÍNDICE

CAPA



06

Crescimento acelerado do consumo, aumento dos custos de produção e problemas climáticos são os principais fatores para a forte valorização dos hortifrutícolas até o primeiro semestre deste ano. E daqui pra frente?

FÓRUM

28

Os convidados para o Fórum desta edição analisam a participação das frutas e hortaliças nos índices de inflação.

EXPEDIENTE

A Hortifruti Brasil é uma publicação do CEPEA - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - ESALQ/USP

ISSN: 1981-1837

Coordenador Científico:

Geraldo Sant' Ana de Camargo Barros

Editora Científica:

Margarete Boteon

Editora Econômica:

Aline Vitti e João Paulo Bernardes Deleo

Editora Executiva:

Daiana Braga MTB: 50.081

Diretora Financeira:

Margarete Boteon

Jornalista Responsável:

Ana Paula da Silva MTB: 27.368

Revisão:

Alessandra da Paz, Daiana Braga e Paola Garcia Ribeiro

Equipe Técnica:

Álvaro Legnaro, Ana Luisa Ferreira de Melo, Camila Pires Pirillo, Daiana Braga, Flávio Bombonatti, Larissa Guí Pagliuca, Lillian Cabral Missura, Maíra Paes Lacerda, Marina Isac Macedo, Margarete Boteon, Mayra Monteiro Viana, Mônica Georgino, Rachel Armani de Paiva, Renata Pozelli Sabio e Yuri Uchoa Rodrigues.

Apoio:

FEALQ - Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz

Diagramação Eletrônica/Arte:

ênfase - assessoria & comunicação
19 2111-5057

Impressão:

Indústria Gráfica GR e Editora Ltda.
19 3493-1616

Contato:

Av. Centenário, 1080 - Cep: 13416-000

Piracicaba (SP)

Tel: 19 3429-8808 - Fax: 19 3429-8829

hfbrazil@esalq.usp.br

www.cepea.esalq.usp.br/hfbrazil

A revista Hortifruti Brasil pertence ao Cepea.

A reprodução dos textos publicados pela revista só será permitida com a autorização dos editores.

SEÇÕES



CEBOLA

16



BATATA

17



TOMATE

18



CENOURA

20



MELÃO

21



MAÇA

22



BANANA

23



UVA

24



MAMÃO

25



CITROS

26



MANGA

27

SATURNO

- Alto rendimento
- Frutos mais "gordos"
- Pencas uniformes

Rendimento e uniformidade, frutos de um bom investimento.



TRADIÇÃO EM ITALIANOS!

A Eagle traz toda a linha de sementes para o seu negócio.

Eagle Comércio de Sementes Ltda | Telefone: 34 3217 - 3110 | eaglesementes@eaglesementes.com.br



NETUNO



PLUTÃO



VENUS



KÁTIA

VALORIZAÇÃO DOS

Produtor, muito cuidado com a

Os preços dos hortifrútiolos, no geral, apresentaram alta significativa no primeiro semestre de 2008. Para analisar essa valorização, a **Equipe Hortifruti Brasil** criou o Indicador Hortifruti/Cepea de preços no atacado, que agrega nove hortifrútiolos do projeto – cenoura e maçã, que totalizam os 11 produtos atuais do projeto, foram adicionados recentemente. O resultado é que o Indicador do primeiro semestre deste ano é o maior desde 2002, quando foi iniciado o levantamento de preços da **Equipe Hortifruti Brasil**.

Mas, por que os hortifrútiolos subiram tanto? As razões são as mesmas que impulsionaram as commodities agropecuárias no mercado internacional? A resposta é não, tendo em vista que a valorização de produtos comercializados ao redor do mundo se deu principalmente pelo crescimento do consumo em ritmo mais acelerado que o da oferta, havendo apenas em alguns casos aumentos justificados por quebra de produção.

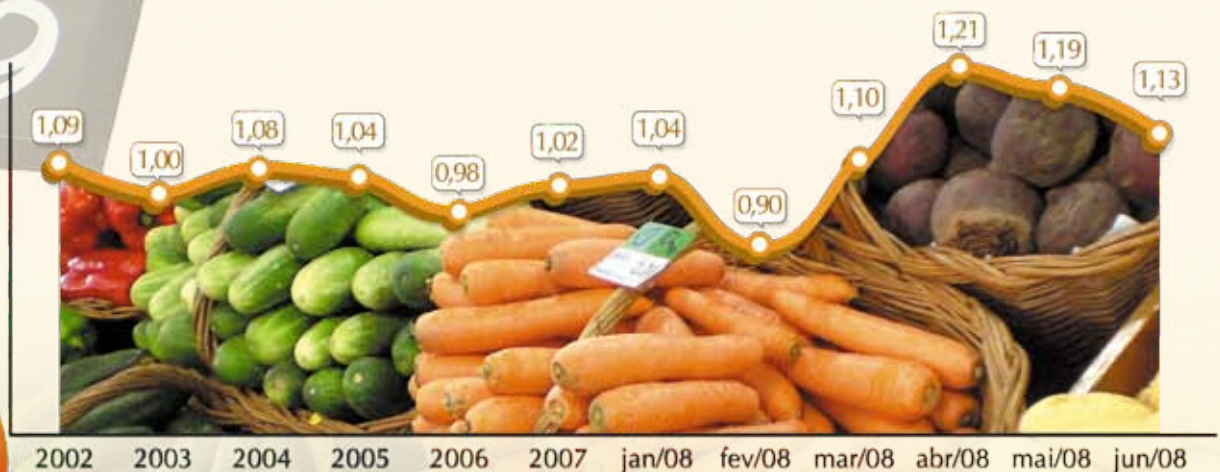
Já no caso do mercado brasileiro de hortifrútiolos, a oferta de praticamente todos os produtos

pesquisados pela equipe do Cepea reduziu no primeiro semestre em comparação com a safra anterior. Em alguns casos, isso ocorreu porque produtores se desestimularam a investir devido ao alto custo de produção, como o mamão; noutras situações, devido a problemas de clima, como o melão, batata e laranja. Para a banana, cebola e tomate, a redução de oferta se deu pela combinação desses dois motivos.

Com base no crescimento da economia brasileira, sabe-se que o consumo interno mantém-se aquecido, mas não há dados que mensurem o impacto de demanda sobre o mercado hortifrútiolo. Observa-se que ela não é suficiente para conter quedas de preços em situações de concentração da oferta, como em tomate que ocorreu em agosto/08. Quanto à demanda externa por frutas brasileiras, de modo geral, as exportações têm aumentado nos últimos anos, mas não o suficiente para impulsionar os investimentos neste setor. A capitalização do segmento exportador de frutas tem sido limitada pela queda do dólar e alta dos custos de produção. Assim, os preços em moeda nacional das principais

Recorde de preços em 2008

Indicador de Preço de Hortifrútiolos no atacado da cidade de SP - (R\$/Kg)



Fonte: Cepea

Valor médio (anual até 2007; mensal em 2008) de nove produtos-alvo da Hortifruti Brasil (batata, tomate, cebola, manga, melão, mamão, banana, uva e laranja). O Indicador é ponderado pelo consumo médio per capita de cada hortifruti apontando pela Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF), do IBGE, de 2003. Os preços foram deflacionados pelo IGP-DI (julho/08).

HORTIFRUTÍCOLAS

armadilha dos ciclos de preços!

Por Larissa Gui Pagliuca e Margarete Boteon

frutas exportadas não apresentaram alta significativa neste semestre, ao contrário do observado no mercado interno.

Nos mercados agrícolas, é comum a ocorrência de ciclos de preços, ou seja, um período de valorização significativo seguido por outros de queda. Observando os fundamentos que justificam essas oscilações, analistas da **Hortifruti Brasil** estimam que os principais produtos hortifrutícolas que pesam no bolso do consumidor brasileiro terão seus preços reduzidos neste segundo semestre.

Por outro lado, pesquisadores de outras áreas do Cepea (ver box abaixo) acreditam que os preços das grandes commodities agropecuárias não devem recuar tão rapidamente. Como consequência, os preços dos insumos podem se manter em alta, o que influencia no custo de produção dos hortifrutícolas. A preocupação atual, portanto, é: qual será o impacto na rentabilidade dos hortifruticultores que adquiriram insumos mais caros para produzir neste semestre, mas que podem receber preços menores por suas safras?



O produtor pode cair mais uma vez na armadilha dos ciclos de mercado

Se a tendência de queda de preços das commodities observada na primeira quinzena de agosto permanecer, o produtor pode, mais uma vez, ter caído na armadilha dos ciclos de mercado, que já deveriam ser bem conhecidos por produtores e agentes que com eles comercializam insumos em geral, com destaque para máquinas. O alerta é do coordenador científico do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), o professor da Esalq/USP Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros, ao tomar em consideração os investimentos substanciais feitos pelos produtores. Pesquisadores do Cepea acompanham mensalmente variações de preços de insumos utilizados em pecuária de corte e de leite, soja, milho e algodão, e seus impactos sobre a margem do produtor. Na análise do professor Barros, ainda é cedo para concluir que a recente tendência veio para ficar. Para ele, seria surpreendente que os preços continuassem em queda, ou seja, que a tendência da primeira quinzena de agosto se mantivesse. Os fundamentos do mercado, ressalta, apontam para uma escassez relativa de commodities considerando a evolução da população e da

renda mundial. “No período mais recente, aparentemente, os agentes passaram a acreditar numa retração nas economias desenvolvidas e emergentes em prevenção contra a inflação que vai se espalhando mundo afora. Sobre essa retração, pairam dúvidas se ela virá realmente e se, em caso positivo, virá na intensidade necessária, que é grande e penosa”. O movimento também recente de valorização do dólar – no Brasil e no mundo em geral – também contraria as expectativas. Na avaliação do coordenador científico do Cepea, os juros nos EUA continuam baixos comparados com os das demais economias importantes. Barros comenta que, embora os EUA venham gerenciando a crise, sabe-se que ela não foi superada e não vai desaparecer tão cedo. De qualquer forma, um aumento do dólar, por um lado, favorece o exportador (mais Reais por dólar exportado), porém, poderá contribuir para uma queda das commodities no mercado internacional (menor preço em dólar). Assim, o balanço final não é claro, pondera. “O mais provável é que um efeito compense o outro e o efeito líquido não seja grande.”

ALIMENTOS FICAM MAIS CAROS EM TODO O MUNDO

A recente valorização dos alimentos não é enfrentada somente pelos brasileiros. Nos primeiros seis meses deste ano, segundo a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO/ONU), os preços reais de um conjunto de alimentos são os mais altos dos últimos 30 anos, e a perspectiva, também da FAO, é que continuem elevados nos próximos anos. Dos alimentos que compõem esse índice, o que teve maior aumento no período foi óleo vegetal, seguido por grãos, lácteos e arroz.

Outro índice global que mede a variação dos preços dos principais grupos de alimentos é o da revista britânica *The Economist*. Entre 1974 e 2005, os preços dos principais alimentos no mercado mundial caíram 75% em termos reais, segundo aquele índice de preços. Essas quedas fizeram com que muitos tivessem a percepção de que a comida era um bem barato devido aos ganhos de produtividade e que a insegurança alimentar estava relacionada à renda daí por diante, e não mais à capacidade de produção.

A partir de 2006, no entanto, o cenário de oferta/demanda dos alimentos alterou-se significativamente, e os preços reais dos alimentos duplicaram de dezembro de 2005 até final de junho de 2008, segundo o Índice de Alimentos da revista *The Economist*. A partir de julho, o Índice começou a recuar e, em meados de agosto, já era 12% menor do que o observado no final de

junho, mas ainda 180% superior ao de dezembro de 2005.

É ainda muito cedo para prever se já alcançamos o pico dos preços dos alimentos. Há ainda fatores para sustentar os preços dos alimentos: barril do petróleo acima de US\$ 100, manutenção do crescimento da renda nos países emergentes, aquecimento global e restrições com terra e água para aumento de plantio.

A alta dos alimentos é positiva para o produtor porque abre novas oportunidades de investimento no agronegócio. No entanto, tem efeito negativo sobre o custo de vida da população, principalmente das camadas de menor poder aquisitivo – para as quais os alimentos têm um peso elevado no orçamento familiar. Outro ponto negativo é que os aumentos sucessivos de preços podem alimentar a inflação de um país e diminuir o poder de compra da sua população.

Em 2007, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), acumulou aumento de 4,46% - metade desse valor deveu-se à alta dos preços dos alimentos. O IPCA é o índice utilizado pelo governo brasileiro para determinar metas de inflação e políticas de juros. O índice é baseado na média do custo de vida nas 11 principais regiões metropolitanas do País para famílias com renda de 1 até 40 salários mínimos. No primeiro semestre de 2008, novamen-

Preços dos alimentos duplicam em 8 anos Índice de Preço (global) dos alimentos da FAO



Fonte: Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO/ONU). O Índice de Preços dos Alimentos é composto por 6 grupos de commodities: carnes, cereais, lácteos, óleo, gordura e açúcar. A ponderação de cada grupo no Índice é definida com base em sua participação nas exportações mundiais de 1998/2000.

te os alimentos foram responsáveis por metade do IPCA: dos 3,64% acumulados no período, os alimentos participaram com 1,88%, isto é, com 52% do índice.

Os hortifrutícolas, principalmente o tomate e a batata, são comumente destaques

do IPCA e de outros índices de inflação no País quando se avaliam as maiores variações de preços. Mas, quando se observa a contribuição de cada item para a formação do índice total, a participação desses produtos é pequena quando comparada à de outros itens.

Por que os preços dos alimentos subiram tanto?

Principais fatores da alta dos alimentos de 2006 a 2008 (primeiro semestre)*:

Do lado da oferta:

- **PROBLEMAS CLIMÁTICOS:** reduziram a produção de alimentos em vários países do mundo. Nos últimos anos, a oferta de trigo recuou na Austrália e na Argentina – grandes produtores mundiais – em função de fortes secas. No caso dos hortifrutícolas no Brasil, as fortes chuvas no Nordeste no início do ano têm atrapalhado o calendário de plantio e colheita da cebola, melão e da uva nos últimos anos. Produtores evitam programar colheita de uvas sem sementes no primeiro semestre com receio de que fortes chuvas estraguem a produção.
- **BAIXOS ESTOQUES MUNDIAIS:** a redução dos estoques, principalmente dos cereais, desde meados da década de 90, é outro fator que contribuiu para a alta dos alimentos. Segundo a FAO, os estoques globais decresceram cerca de 3,4% ao ano entre 1995 e 2007. A queda dos estoques globais de cereais não afeta diretamente os hortifrutícolas, mas pode limitar sua expansão, visto que alguns produtores no Sul do País e em Minas Gerais, atraídos pelos bons preços dos grãos, podem optar por cultivar mais cereais que hortaliças. A expansão da área com grãos tende também a aquecer a demanda – e os preços – por certos insumos, principalmente fertilizantes, que são utilizados em hortaliças e frutas.
- **ALTA DO PETRÓLEO:** esse fator teve um efeito direto nos custos de produção agrícola, inclusive de hortifrutícolas. O preço no mercado internacional de alguns fertilizantes derivados do petróleo, como o superfosfato, aumentou mais de 160% nos primeiros dois meses do ano em comparação com o mesmo período em 2007. O valor do frete dos alimentos também encareceu. No final de 2005, o valor do barril de petróleo era US\$ 60 e, na primeira semana de agosto, ultrapassava a casa dos US\$ 110. A cadeia hortifrutícola nacional também foi muito prejudicada pela elevação dos preços dos fertilizantes e do valor do frete, aumentando significativamente seus custos.

Do lado da demanda:

- **POLÍTICA DOS BIOCOMBUSTÍVEIS:** O mercado emergente dos biocombustíveis ampliou a demanda por commodities agrícolas como a cana-de-açúcar, milho, óleos vegetais e mandioca. O efeito mais visível sobre outros setores agropecuários foi o do etanol feito a partir do milho nos Estados Unidos, que encareceu a ração animal. Em relação aos hortifrutícolas no Brasil, o impacto mais evidente dos biocombustíveis nos últimos anos foi visto sobre a citricultura, principalmente no norte paulista, onde alguns produtores erradicaram pomares para plantar cana-de-açúcar.
- **AUMENTO DO CONSUMO E MUDANÇA NOS HÁBITOS ALIMENTARES:** o aumento de renda em países emergentes alavancou a demanda por alimentos, além de também mudar os hábitos de consumo. Um exemplo é a diversificação da dieta em países asiáticos, onde a população passou a consumir mais carnes e produtos lácteos, por exemplo. Segundo a revista *The Economist* de 06/12/2007, os chineses consumiam 20 kg de carne em 1985 e, em 2007, a média era de 50 kg. A produção de carne aquece também a demanda por grãos: são necessários 8 kg de grãos para se produzir 1 kg de carne bovina, segundo a revista. Já sobre a produção brasileira dos hortifrutícolas, mais voltada ao mercado doméstico, o aumento do consumo dos asiáticos teve impacto nulo. Mesmo no caso da melhoria da renda do consumidor brasileiro, o efeito sobre os hortifrutícolas foi pequeno, segundo os comerciantes de frutas e hortaliças.

* Para mais informações, consulte: artigo "The end of cheap food" publicado na *The Economist* de 6 de dezembro de 2007 (www.economist.com) e o relatório da FAO "Aumento de los precios de los alimentos: hechos, perspectivas, impacto y acciones requeridas", de abril de 2008 (www.fao.org).

INFLAÇÃO VERSUS VALORIZAÇÃO DOS HORTIFRUTÍCOLAS

A inflação dos alimentos ocorre quando há uma alta contínua de vários produtos, como se observou em 2007 e no primeiro semestre de 2008. O conceito de inflação nada mais é que aumento contínuo e generalizado dos preços de uma cesta de bens e serviços.

Já para o segundo semestre deste ano, é possível que os preços dos alimentos não registrem novos aumentos significativos, o que evitaria impacto na inflação. Por outro lado, pode ser também que eles não caiam dos patamares atuais. Segundo Paulo Picchetti, coordenador do Índice de Preços ao Consumidor (IPC) da Fundação Getúlio Vargas, deveremos ter inflação baixa com preços altos neste semestre, conforme noticiado na Agência Estado em 19/08/08.

Outro ponto a ser analisado é a participação dos alimentos no índice geral de inflação, que inclui uma gama de bens e serviços. No Brasil, os alimentos e bebidas correspondem a cerca de 22% do IPCA, do IBGE. Em 2007, os preços dos alimentos acumularam reajustes de 10,79%, segundo o IBGE, sendo que o impacto sobre a inflação (IPCA) foi de 2,21% no ano – o IPCA aumentou 4,46%.

Já no Índice Nacional de Preços ao Con-

sumidor (INPC), também do IBGE, os alimentos representam 30%. O maior peso está ligado ao perfil da amostra, que são famílias com renda de até seis salários mínimos. Na média das economias emergentes, segundo o Fundo Monetário Internacional (FMI), os alimentos pesam em média 37% nos índices de inflação locais, evidenciando que a variação nos preços dos alimentos tem um impacto maior sobre as classes de menor poder aquisitivo.

Quando é analisada a série de preços reais, considerou os preços coletados pela Equipe **Hortifruti Brasil/Cepea** no mercado atacadista de São Paulo (Ceagesp) entre os anos de 2002 e 2008 (primeiro semestre). Os preços do atacado foram corrigidos pelo Índice Geral de Preços - Disponibilidade Interna (IGP-DI), da Fundação Getúlio Vargas.

Para avaliar o comportamento geral dos hortifrutícolas no atacado de São Paulo, a equipe da **Hortifruti Brasil** construiu o Indicador de Preços Hortifruti/Cepea que pondera os preços no atacado de São Paulo (Ceagesp) de nove produtos levantados pelo Centro (banana, batata, cebola, laranja, mamão, manga, melão, tomate e uva). Maçã e cenoura ainda não integram esse


O peso dos hortifrutis é pequeno no cálculo da inflação (Estrutura de ponderação de julho de 2008 - IPCA -Brasil/IBGE)

PESO DOS HORTIFRUTIS (%)

Tomate	0,23
Batata	0,22
Banana	0,15
Cebola	0,13
Laranja	0,12
Maçã	0,09
Cenoura	0,08
Mamão	0,08
Uva	0,06
Tangerina	0,05
Manga	0,03
Melão	0,002
Limão	0,001

15,3% da ponderação do IPCA vem dos alimentos consumidos nos domicílios. Os principais itens do grupo dos alimentos são: Carnes + Ovos (4% do IPCA total), Leite (2.1%) e Hortifrutícolas (1.7%).





**Isso aqui é o Brasil
que produz com muito
mais qualidade.**

Isso é o Brasil que usa Nativo.

O fungicida da Bayer CropScience de excelente controle preventivo com:

- Eficácia contra muito mais doenças;
- Prolongado período de proteção;
- Culturas protegidas com muito mais produtividade e qualidade.

Nativo tem o que você precisa. Afinal,
é feito pela nossa gente, para nossa terra.



ATENÇÃO: Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Use adequadamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na etiqueta ou faça-o a quem não trabalhar com. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade. Consulte sempre um Engenheiro Agrônomo. Venda sob receituário agrônomo.



Bayer CropScience
Se é Bayer, é bom.

NATIVO



Protege muito, contra mais doenças.

cálculo porque as pesquisas sobre esses produtos foram iniciadas em 2008. Para definir a participação de cada produto no Indicador Hortifrutivi/Cepea, foi considerado o consumo médio das famílias brasileiras indicado pela Pesquisa de Orçamento Familiar (POF), do IBGE, de 2003.

Com os dados disponíveis, foi possível calcular o Indicador a partir de 2002. A análise da série anual corrigida pela inflação (IGP-DI) deixa clara a existência de ciclos de alta e baixa, mas o total de dados disponível – 7 anos – ainda é insuficiente para se definir a duração dos ciclos de cada produto. Apesar disso, é importante destacar que o Indicador do primeiro semestre de 2008 é o maior – comparado com

médias dos anos anteriores –, atingindo o valor médio de R\$ 1,10/kg.

Os preços oscilam principalmente em função da oferta, que reflete as condições climáticas e/ou aumento/redução de área plantada. A forte alta do Indicador neste semestre se justifica pelo reajuste acentuado dos produtos de maior ponderação do cálculo: tomate, batata, banana e cebola. Por sua vez, as causas diretas para tais diminuições do volume foram redução de área plantada e excessos de chuva no primeiro semestre.

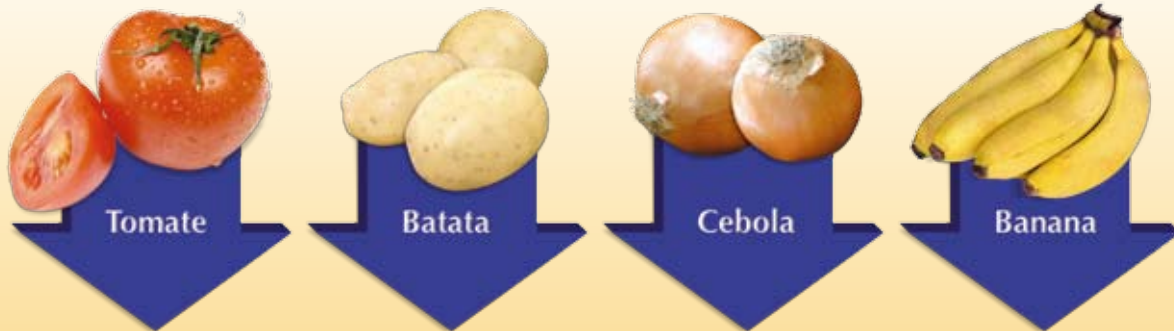
O IPCA (varejo) também captou elevadas variações de preços dos hortifrutícolas no primeiro semestre. Os destaques foram o melão e o

Recorde de preços no primeiro semestre de 2008 (R\$/kg)

ANO	TOMATE	BATATA	CEBOLA	BANANA
2001	1,12	0,93	nd	nd
2002	1,29	1,19	0,95	0,30
2003	1,17	1,06	0,76	0,50
2004	1,37	0,99	1,31	0,42
2005	1,27	1,13	0,94	0,28
2006	0,97	0,95	0,75	0,45
2007	1,22	1,00	0,86	0,38
01-06/08	1,40	1,02	1,50	0,50

Fonte: Cepea

A tendência, no entanto, é de queda no segundo semestre



Animados com o resultado obtido no primeiro semestre, tomaticultores investem mais neste segundo semestre, ampliando a área. Além disso, o clima tem sido favorável à cultura, podendo melhorar a produtividade.

Produtores investiram mais em área de plantio, quando comparado ao primeiro semestre. Além disso, a disponibilidade interna será maior dada a previsão de queda nas exportações brasileiras para a Argentina neste segundo semestre.

A oferta será maior neste semestre porque um número maior de regiões estará colhendo em comparação ao primeiro semestre. Naquele período, a oferta era formada basicamente pelo produto do Sul e importado.

A oferta será maior, principalmente porque houve um deslocamento da safra do primeiro semestre para o segundo.

tomate, com aumentos acumulados de 124,39% e 106,41%, respectivamente, no semestre. No entanto, a participação destes dois itens no total do IPCA é muito pequena. O peso do conjunto de hortifrutícolas na composição total do IPCA é de 1,7%. Isso mostra que é questionável o destaque que se dá aos hortifrutícolas como vilões da inflação. Considerando somente os produtos-alvo da **Hortifruti Brasil**, o peso é de 1,2% do IPCA total. Do grupo de alimentos (incluindo bebidas), esses hortifrutícolas representam 7% (ver box na página 10).

Para o segundo semestre de 2008, os analistas da **Hortifruti Brasil** estimam que a tendência dos preços da maioria desses produtos é

de queda quando comparados aos do primeiro semestre (ver tabela abaixo). Uma das razões é a maior oferta, principalmente dos que apresentam maior consumo do brasileiro: batata, tomate, cebola e banana. O aumento da produção deve-se ao clima mais favorável e à capitalização dos produtores, devido à melhor rentabilidade obtida no primeiro semestre.

Assim, os hortifrutícolas-alvo da **Hortifruti Brasil**, principalmente o tomate e a batata, também deverão ter menos destaque nas notícias sobre inflação neste semestre. A tendência é que os preços desses dois produtos – entre agosto e outubro – sejam muito inferiores aos observados no primeiro semestre.

MANGA	UVA	MELÃO	MAMÃO	LARANJA
nd	3,04	1,31	1,36	0,92
1,09	2,84	1,72	1,10	0,85
0,76	2,62	1,63	1,05	0,75
0,94	2,37	1,98	1,64	0,59
0,70	2,79	1,68	1,47	0,61
0,61	3,19	1,66	1,27	0,69
0,77	3,10	1,41	1,19	0,66
0,61	2,57	1,78	1,15	0,61

nd = valores não disponíveis no período

Obs: todos os preços foram corrigidos pelo IGP-DIIFGV de julho de 2008



Tipicamente, a oferta de manga é maior no segundo semestre devido ao período de safra tanto em São Paulo como no Nordeste, principais produtores.

Historicamente, os preços no segundo semestre são superiores aos do primeiro para a uva itália no mercado doméstico devido à maior demanda e à menor oferta. A previsão é que essa tendência se mantenha para esse semestre, devido à melhor qualidade e à oferta regular.

A previsão é de maior oferta da fruta no segundo semestre devido ao pico da safra da principal região produtora: Ceará/Rio Grande do Norte.

A expectativa é de menor oferta em comparação ao primeiro semestre devido à redução na área de plantio por conta da descapitalização dos produtores.

A oferta deve ser maior, principalmente no último trimestre do ano. Apesar da quebra de safra prevista para este ano, o volume será maior que no primeiro semestre.

COMO FICA O PRODUTOR?

Preços em queda não são nada bons para o produtor. Para agravar sua situação, os principais insumos do setor - fertilizantes, defensivos e frete - podem continuar com preços altos. Segundo o pesquisador do Cepea Mauro Osaki, os preços dos fertilizantes, principalmente os fosfatados e cloretos, base para os adubos formulados (N-P-K), têm correlação positiva com os preços das commodities agrícolas - principalmente soja e milho - e com o valor do petróleo. Enquanto esses produtos continuarem em alta no mercado internacional, é difícil que os preços dos fertilizantes recuem para os níveis observados antes de 2007, afirma Osaki.

Quanto ao petróleo, a estimativa é de alguma desvalorização neste semestre e em 2009, em comparação com o primeiro semestre de 2008, mas ainda deverá manter-se em patamar elevado historicamente. O motivo para alguns recuos é a possibilidade de desaquecimento da economia mundial, principalmente dos Estados Unidos e da Europa.

Os defensivos também não deverão recuar de preços no curto prazo por conta dos baixos investimentos nos últimos anos por parte das empresas produtoras em capacidade instalada e na formulação de novos ingredientes ativos, bem como na ampliação do volume dos já conhecidos. Antes da retomada dos preços das commodities, a perspectiva das empresas de defensivos era que o mercado iria reduzir devido ao avanço da biotecnologia.

Assim, não estavam preparadas para a guinada da agricultura a partir de 2006. Apesar dos recentes investimentos, o aumento dos ingredientes ativos poderá se equilibrar com a atual demanda somente em 2010, na opinião de alguns especialistas.

Nesse cenário de encarecimento da produção, a renda dos hortifruticultores pode diminuir caso a produtividade não compense eventuais retrações de preços, muito comuns em casos de concentração da colheita. Isso pode acelerar ainda mais a volatilidade dos preços nos hortifrutícolas num período seguinte, tendo em vista que, no próximo ano, parte dos produtores poderá estar descapitalizada e reduzir a produção.

O ciclo de preços é comum nos hortifrutícolas. A diferença daqui por diante, talvez, seja a intensidade das oscilações. As altas são inversamente proporcionais à capitalização do produtor. Quanto mais capitalizado estiver o produtor, maior será a produção e menor a alta ou maior a queda de preços.

No último ciclo de queda observado no setor - 2005 e 2006 -, o produtor conseguiu amenizar sua descapitalização graças ao aumento de produtividade e queda dos preços dos insumos com a desvalorização do dólar. Porém, neste semestre, a "armadilha" é que os custos estão mais altos e há um espaço menor para ganhos de produtividade. Nesta "armadilha" perdem todos: o produtor e o consumidor final. ■



Seção Eletrônica Hortifruti Brasil

Informações semanais sobre o seu produto.



O que é

A Seção Eletrônica **Hortifruti Brasil** é o mais novo meio de divulgação dos preços coletados pelo Hortifruti/Cepea sobre dez produtos hortifrutícolas (banana, batata, cebola, citros, mamão, manga, melão, tomate e uva) realizadas pela equipe **Hortifruti**. Logo, cenoura e maçã também serão inclusas no projeto.



Como funciona

Para receber semanalmente a Seção Eletrônica por e-mail, os interessados devem se cadastrar. Nessa primeira fase do projeto, serão dez Seções Eletrônicas (uma para cada cultura-alvo da **Hortifruti Brasil**) enviadas todas as segundas-feiras com preços diários (batata, citros e tomate) e semanais (demais produtos) para as pessoas cadastradas.



Cadastre-se

Para se cadastrar é necessário entrar na página da **Hortifruti Brasil** no site do Cepea www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil



Contato

Caso tenha alguma dúvida ou sugestão, entre em contato conosco.
Hortifruti/Cepea - Esalq/USP
Av. Centenário, 1080
Piracicaba (SP) - Cep: 13.416-000
E-mail: hfbrasil@esalq.usp.br
Telefone: 19 3429.8808

MAIOR COMUNIDADE
HORTIFRUTÍCOLA
DA INTERNET
 Faça aqui seu cadastro!



Cresce importação brasileira

Maior volume importado em 2008

No primeiro semestre deste ano, o Brasil importou da Argentina 191 mil toneladas de cebola, volume 22,4% maior que o do mesmo período de 2007, segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex). Esse aumento nas importações deve-se à baixa oferta de cebola no Brasil entre março e julho – principal época de comercialização da cebola importada. Durante todo o período de importação, os preços do bulbo se mantiveram em patamares elevados. Quanto às exportações, o Brasil não deverá embarcar cebola para a Argentina neste ano. Diferente do que ocorreu em 2007, não houve problemas com a produção argentina – fato que no ano passado permitiu ao Brasil o envio de 36 mil toneladas de cebola entre julho e setembro, garantindo uma boa rentabilidade para o produtor naquele ano.

Santa Catarina e Rio Grande do Sul não devem aumentar área cultivada

A área cultivada com cebola na safra 2008/09 na região de Ituporanga (SC) e no Rio Grande do Sul não deverá aumentar significativamente em relação à 2007/08. As previsões iniciais eram de incremento na área cultivada, mas adversidades climáticas ocasionaram perdas de mudas. Em Santa Catarina, o excesso de chuvas em junho e a seca de julho prejudicaram o desenvolvimento das mudas nos canteiros, acarretando em perdas de cerca de 15%, que seria o excedente em relação à última safra.

Até o momento, não há indícios de redução na produtividade, visto que após o transplante não houve problemas climáticos.

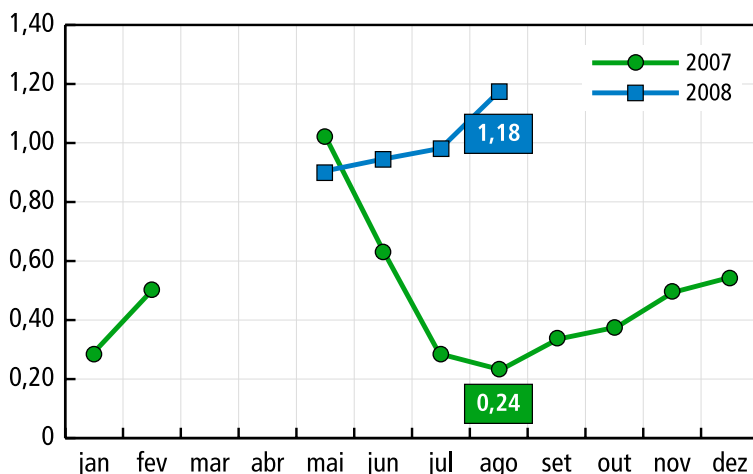


Nordeste volta a ofertar maior volume em setembro

A região nordestina do Vale do São Francisco voltará a ofertar um maior volume de cebola neste mês. Esse aumento de oferta deve pressionar as cotações do bulbo, tendo em vista a coincidência com o pico de oferta da produção paulista em setembro. O volume disponível no País, no entanto, não deverá ser suficiente para causar excesso de oferta no mercado. A intensificação na colheita em setembro ocorre devido ao “plantio do repasse” do segundo semestre – o cultivo é feito na área da vazante do rio São Francisco. De acordo com produtores, a área cultivada é a mesma de 2007. Da segunda quinzena de julho até agosto, houve uma janela de oferta na região, decorrente da forte concentração de chuva entre março e abril, o que impossibilitou o semeio das mudas naquele período. O preço médio pago ao produtor em agosto foi de R\$ 1,18/kg, valor quase cinco vezes superior à média do mesmo período do ano anterior

Falta mão-de-obra em São José do Rio Pardo

São José do Rio Pardo (SP) vem enfrentando dificuldades em contratar mão-de-obra para a colheita de cebola. O motivo é a coincidência com as atividades de campo de outras culturas, como batata e café. A região iniciou o pico de oferta de cebola na segunda quinzena de agosto, colhendo até o final do mês cerca de 40% da área total cultivada. A produtividade média alcançada foi 20% inferior à esperada. Isso ocorreu porque muitos produtores anteciparam a colheita, na intenção de aproveitar os elevados preços praticados no período – agricultores colheram o bulbo ainda verde. Para este mês, espera-se que a área colhida seja maior, chegando a 40% do total cultivado na safra. A produtividade também deverá aumentar, uma vez que as cebolas deverão ter atingido um maior grau de maturação.



Cebola novamente valoriza com a pouca oferta

Preços médios recebidos por produtores nordestinos pela cebola IPA na roça - R\$/kg

Fonte: Cepea

SEÇÃO ELETRÔNICA CEBOLA

Cadastre-se e receba preços semanais de cebola.

www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil



Excesso de oferta em setembro

Preços devem cair com pico de safra

Em setembro, as regiões de Vargem Grande do Sul (SP), Cristalina (GO) e Sul de Minas entram em pico de safra. A previsão é que ocorra um aumento de 20% da área ofertada neste mês frente ao mesmo período de 2007. Vale lembrar que em setembro do ano passado, as exportações para a Argentina e Uruguai favoreceram o escoamento da produção, valorizando o produto no fim daquele mesmo mês. Em 2008, a maior oferta é decorrente, principalmente, da concentração na colheita – as chuvas registradas em abril impediram parte do plantio naquele período, concentrando os trabalhos em maio, e deslocando a área que inicialmente deveria ser colhida em agosto para setembro. A área total ofertada nessas regiões em setembro é estimada em aproximadamente 6600 hectares, 40% maior que a de agosto.

Preço elevado estimula produtor a antecipar colheita

Os elevados patamares de preços registrados no final de julho e início de agosto aliados à expectativa de excesso de oferta em setembro estimularam muitos produtores a anteciparem a colheita de batata. Com isso, a oferta aumentou, pressionando as cotações do produto nas roças do País durante a segunda quinzena do mês – no período, houve baixa de 40% nos preços da batata em relação aos valores negociados na primeira quinzena de agosto. Entre 1º e 15 de agosto, a saca de 50 kg de batata padrão ága-

ta foi comercializada em Vargem Grande do Sul (SP), em média, a R\$ 36,35, na roça – 20% superior ao do mesmo período do ano passado. Além do atraso no plantio em abril, as chuvas ocorridas no início de agosto dificultaram a colheita, diminuindo o volume de batata no mercado. O valor médio pago ao produtor em agosto pela batata especial padrão ágata foi de R\$ 30,75/sc de 50 kg, desvalorização de aproximadamente 15% em relação à de julho. Estima-se que cerca de 2,3 mil hectares foram colhidos na região paulista entre o início da safra (julho) e final de agosto – área 30% inferior a do mesmo período de 2007. Para setembro, agentes aguardam uma oferta de aproximadamente 4,5 mil hectares nas roças de Vargem Grande do Sul.

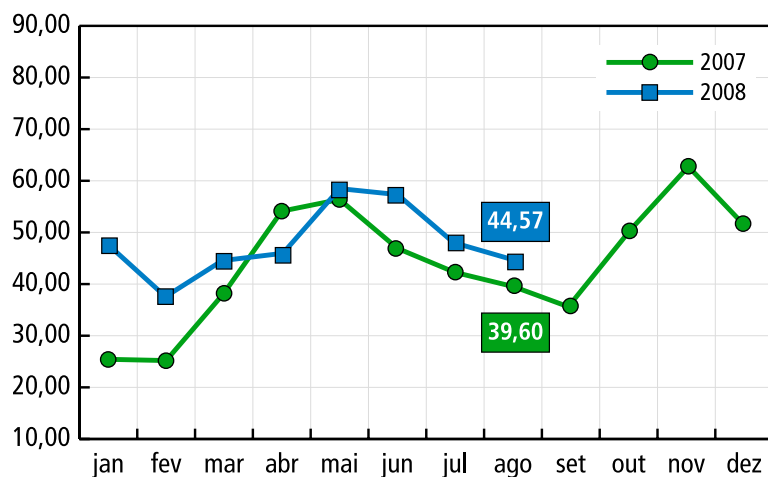
Gastos com cultura aumentam mais de 16%

O valor mínimo estimado por produtores brasileiros para cobrir os gastos com a cultura de batata na safra das secas (entre maio e julho) foi de R\$ 28,21/sc de 50 kg na roça, 16,5% maior que em 2007. Vale lembrar, ainda, que grande parte dos insumos utilizados na safra de 2008 foi comprada em 2007, antes dos aumentos de preços registradas no início deste ano. Dessa forma, agentes acreditam que os custos em 2009 deverão ser ainda maiores.



Exportações devem recuar em 2008

Neste ano, o Brasil não deverá registrar volume significativo de exportação de batata, como ocorreu em 2007, quando o País exportou cerca de 13 mil toneladas, quantidade recorde, segundo dados da Secretaria do Comércio Exterior (Secex). A elevada produção prevista na Argentina, que foi o principal país importador no ano passado – comprou cerca de 75% do volume exportado pelo Brasil – deverá inibir o envio de batatas neste ano. A maior oferta do tubérculo argentino neste ano poderá prejudicar, também, o comércio de batata entre Brasil e Uruguai, visto que o produto argentino é mais competitivo que o brasileiro no Uruguai devido aos menores preços do frete e do custo de produção.



Maior oferta no fim de agosto desvaloriza batata

Preços médios de venda da batata ágata no atacado de São Paulo - R\$/sc de 50 kg

Fonte: Cepea

SEÇÃO ELETRÔNICA BATATA

Cadastre-se e receba preços semanais de batata.

www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil



Brasil volta a exportar tomate em 2008

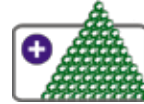
Queda do tomate atrai compradores estrangeiros

A desvalorização do tomate em agosto, ocasionada pelo aumento da oferta no mercado brasileiro, atraiu compradores estrangeiros. De acordo com produtores paulistas e mineiros, cerca de 25 mil caixas de tomate foram enviadas para a Argentina durante a segunda quinzena de agosto. Muitos produtores, porém, enfrentaram dificuldades burocráticas para conseguir o Certificado Fitossanitário de Origem Consolidado (CFOC) - exigência da Convenção Internacional de Proteção a Vegetais para que se possa exportar. Se esse impasse for resolvido e o preço do tomate brasileiro continuar em patamares baixos, a demanda argentina beneficiará principalmente tomaticultores do interior paulista.

Inicia transplântio da safra de verão 2008/09

Alguns produtores das regiões de Itapeva (SP) e Venda Nova do Imigrante (RS) iniciaram o transplântio das mudas em agosto, mas a concentração dessa atividade ocorre a partir de setembro, quando Caçador (SC), Urubici (SC) e Nova Friburgo (RJ) começam os transplântios. A área total plantada na safra deverá ser semelhante à do ano anterior. Nova Friburgo e Caçador deverão cultivar entre 7 e 13 milhões de pés, respectivamente. A baixa rentabilidade na safra catarinense 2007/08, em relação às demais regiões que colheram no período, e o aumento no custo de produ-

ção inibiram investimentos em Santa Catarina - só no município de Urubici, deverá haver redução de 36% na área de plantio neste ano, quando pouco mais de 1,6 milhão de pés deverão ser transplantados. A área de plantio deverá ser semelhante à da safra passada, quando foram cultivados 27 e 9 milhões de pés em Itapeva (SP) e Venda Nova (ES), respectivamente.



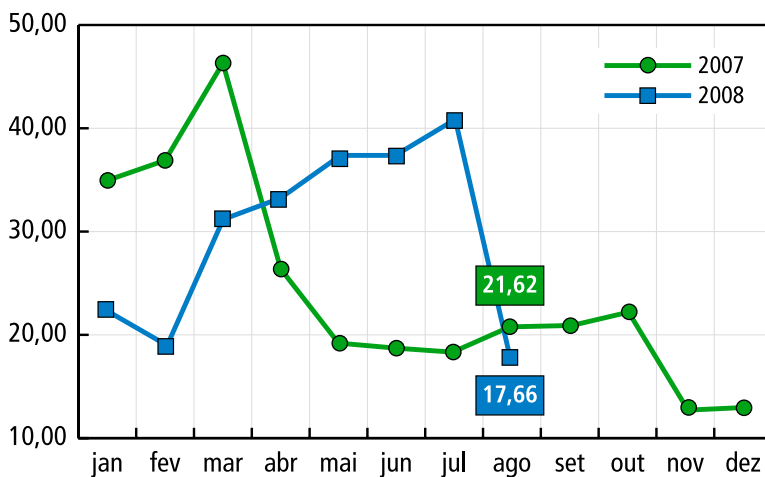
Excesso de oferta derruba preços em agosto

Em agosto, houve um excedente de oferta no mercado devido ao pico de safra em São José de Ubá (RJ) combinado à intensificação da colheita em Mogi Guaçu (SP) e Araguari (MG) frente às elevadas temperaturas. Em setembro, a expectativa é que os preços permaneçam em patamares baixos, tendo em vista que, mesmo com a redução na colheita de São José de Ubá, a região de Paty do Alferes (RJ) deve iniciar a segunda parte da safra. Além disso, o calor deverá continuar favorecendo a maturação dos frutos.

Área na região de Pará de Minas é 30% menor

Em Pará de Minas e em Carmópolis, especificamente, a área de tomate nesta safra é pouco menor que a anterior. Já se forem incluídos na chamada "região de Pará de Minas" os municípios de Barbacena, Carandaí, Coimbra, Onça do Pitangi, Pitangi e São José da Varginha, a atual safra de inverno, que está sendo colhida, conta com cerca de 30% a menos de pés que a passada. De 4,3 milhões de pés, o plantio baixou para 3 milhões, com produtividade entre 250 e 300 cx/mil pés. A forte diminuição de área decorre da baixa rentabilidade na safra de 2007, cujo pico de oferta se deu entre junho e julho, período em que outras praças também estão em colheita - pressionando fortemente as cotações. Neste ano, a concentração de oferta em Pará de Minas também ocorreu de junho a julho, mas, devido ao menor volume disponível, produtores conseguiram bons preços. Inicialmente, a colheita estava prevista para seguir até novembro, mas o calor pode antecipar o encerramento da safra.

Nota: a partir desta edição, a **Hortifruti Brasil** passa a considerar "região de Pará de Minas" para os oito municípios citados acima.



Preços despencam em agosto

Preços médios de venda do tomate salada AA longa vida no atacado de São Paulo - R\$/cx de 23 kg

Fonte: Cepea

SEÇÃO ELETRÔNICA TOMATE

Cadastre-se e receba preços semanais de tomate.

www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil

Cabrio Top®



Mais dinheiro
que entra
no seu bolso

ATENÇÃO
Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

Consulte sempre um Engenheiro Agrônomo		Venda sob receituário agrônomo
----------------------------------------	--	--------------------------------

PRATIQUE O MANEJO INTEGRADO

0800 0192 500

www.agro.basf.com.br

Cabrio Top® é fungicida com benefícios AgCelence™. Isto é: plantas mais verdes, saudáveis e produtivas. Algo além da proteção de cultivos.

Cabrio Top®. Prevenção contra a Requeima.

BASF

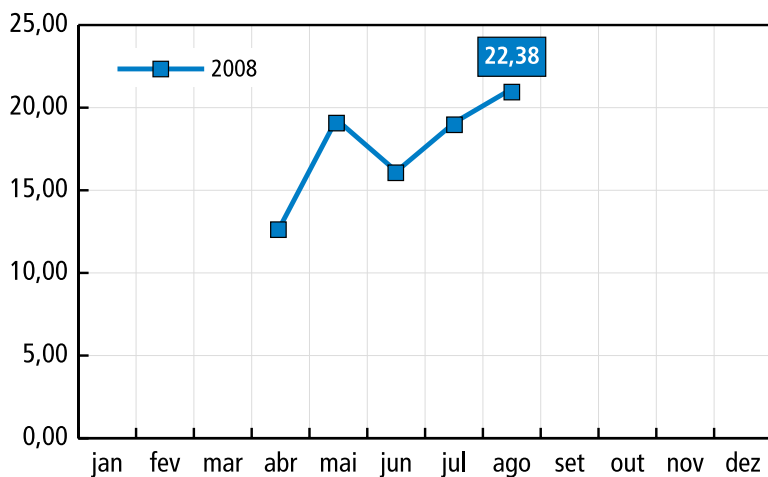
The Chemical Company



Alta da raiz contraria expectativas do setor

Adversidades climáticas e redução de área contrariaram as expectativas que prevaleciam em julho. Em agosto, a oferta de cenoura diminuiu e os preços subiram. Em Minas Gerais e em Goiás - principais estados produtores do País -, a queda de temperatura em julho e o clima quente e seco em agosto fizeram com que a produtividade não atingisse a média da safra de inverno, de 75 t/ha, colhendo cerca de 66 t/ha. Além disso, os preços baixos no período de plantio (março e início de abril) desestimularam produtores a aumentar a área de cultivo - houve redução de cerca de 30% neste início de safra, em relação à temporada de inverno 2007. Assim, o preço médio da caixa "suja" de 29 kg em agosto foi de R\$ 21,17, 12,3% maior que o de julho (R\$ 18,85) e mais de três vezes superior ao mínimo estimado pelos produtores para cobrir os gastos com a cultura (de R\$ 6,96/cx "suja" de 29 kg). Produtores dessas regiões afirmam que a produtividade só deverá aumentar a partir de meados de setembro. Em São Gotardo (MG), a caixa de 29 kg de cenoura "suja" na roça teve média de R\$ 22,38 em agosto, valorização de 19,4% sobre a média de julho.

Área pode reduzir 10% no início da safra de verão



Menor produtividade e área colhida elevam preços

Preços médios recebidos por produtores de São Gotardo pela cenoura "suja" na roça - R\$/cx 29 kg

Fonte: Cepea

Produtores mineiros e goianos acreditam que haverá redução em torno de 10% na área cultivada no início da safra de verão 2008/09, cujo plantio começa em setembro e termina em março. Apesar dos elevados preços da cenoura, agricultores afirmam que o aumento dos custos de produção (devido às valorizações dos insumos e da mão-de-obra) e as baixas cotações no início da última safra de verão (2007/08) foram decisivos para frear os investimentos da próxima temporada. Ainda assim, como o semeio da raiz ocorre toda semana, produtores declararam que poderão aumentar a área no decorrer do plantio, caso as condições de mercado sejam favoráveis. Esta safra deverá iniciar em dezembro/08, se estendendo até julho de 2009.

Relação cenoura/uréia piora ao produtor

A relação de troca de cenoura por uréia - fertilizante bastante utilizado na cultura da cenoura em Minas Gerais - piorou 42,6% ao produtor mineiro de abril (início do levantamento do Cepea) a julho. Em abril, o preço médio da caixa "suja" de 29 kg da raiz era de R\$ 17,59, sendo necessárias aproximadamente 61 caixas para a compra de uma tonelada de uréia na região do Triângulo Mineiro. Em julho, essa relação passou para 87 caixas de cenoura - o preço médio da raiz nesse período foi de R\$ 17,73/cx de 29 kg de cenoura "suja". De acordo com o Cepea, a queda no poder de compra do produtor de cenoura decorreu da valorização do insumo que, de abril a julho, subiu 44,21%.

Falta de água reduz área de plantio em 40%

Devido à falta de água no segundo semestre do ano em Irecê (BA) - normalmente nesse período os poços utilizados para irrigação secam -, a área de produção de cenoura reduzirá cerca de 40% em relação ao primeiro semestre de 2008, de acordo com produtores locais. Esse percentual é superior ao do mesmo período de 2007. Em contrapartida, a produtividade aumenta nos últimos seis meses do ano, devido à redução da temperatura durante o desenvolvimento da raiz. Em agosto, já foi observado um aumento na produtividade, que fechou em 37t/ha, cerca de 8,8% a mais que em julho. Quanto aos preços praticados em agosto, a média foi de R\$ 9,38/caixa "suja" de 20 kg, baixa de 21% em relação a julho. Essa queda estaria atrelada ao maior volume disponível no período.

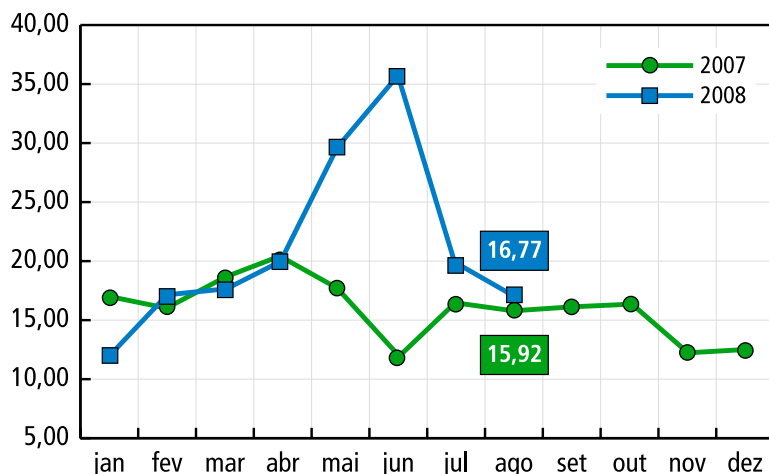


Brasil deve abastecer sozinho a União Européia

Neste mês, o Brasil deverá ser o único País a abastecer o mercado europeu, segundo exportadores nacionais. No fim de agosto, a safra de melão da Espanha finalizou a maior parte das colheitas, mantendo um baixo volume de oferta ao bloco. Assim como ocorrido na temporada anterior, a safra espanhola deste ano teve problemas com a restrição de água em algumas regiões produtoras, antecipando o término das atividades e abrindo espaço ao fruto brasileiro. No mesmo período, o Brasil iniciou os embarques à Europa, principalmente de *honeydew*. Durante o mês de agosto, o melão *honeydew* brasileiro tipo 9 foi comercializado no porto de Roterdã, na Holanda, em média, a US\$ 11,08/cx de 10 kg, segundo o Serviço de Comercialização Agrícola do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (AMS/USDA). Apesar de o Brasil ser o único País a ofertar melão neste mês, algumas cargas do produto espanhol deverão ser comercializadas nas primeiras semanas de setembro, já que alguns frutos foram colhidos no final de agosto.

Aumentam exportações de melão nordestino

Em meados de setembro, empresas produtoras/exportadoras de melão do pólo produtor Chapada do Apodi (RN) e Baixo Jaguaribe (CE) intensificam as vendas de melão amarelo e nobre ao bloco europeu.



Cotações em baixa

Preços médios de venda do melão amarelo tipo 6-7 no atacado de São Paulo - R\$/cx de 13 kg

Fonte: Cepea

Os primeiros embarques deste ano foram antecipados para o final de julho. Naquele mês, o volume exportado foi baixo, cerca de 156 toneladas. Apesar disso, a quantidade vendida à Europa em julho foi 42% superior à do mesmo período da temporada anterior e a receita, 196% maior, segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex). Entre julho e setembro de 2007, o Brasil já havia embarcado cerca de 35 mil toneladas ao bloco europeu – 80% desse volume foi enviado só em set/07.

Termina safra do Vale do São Francisco

Com o encerramento da safra 2008 no Vale do São Francisco, a Ceagesp não deve comercializar melões de Petrolina (PE) e Juazeiro (BA) neste mês. Essa região estendeu o plantio de melões, na tentativa de recuperar as perdas com as chuvas durante a safra (março e abril). A produção ocorreu de maneira satisfatória, mas a queda nas temperaturas durante as noites fez com que boa parte da colheita fosse de frutos miúdos, de baixa preferência pelo consumidor, mesmo tendo atingido boa qualidade. Nesse cenário, produtores da região do Vale do São Francisco afirmam que não foi possível recuperar a área danificada, tampouco os prejuízos causados pela quebra de produtividade. A partir deste mês, portanto, as regiões do Rio Grande do Norte e do Ceará deverão abastecer todo o mercado doméstico.



Elevação da temperatura deve aquecer vendas

A comercialização de melão amarelo e nobre no mercado doméstico deve intensificar este mês, visto que a elevação das temperaturas aquece o consumo da fruta. Em agosto, produtores e atacadistas pouco comemoraram com o início da safra. Isso porque as vendas permaneceram lentas, como em julho, quando as férias escolares e as baixas temperaturas tradicionalmente atrapalham as vendas no mercado nacional. Com isso, produtores e atacadistas optaram por ceder a cotações menores, na tentativa de impulsionar as vendas.

SEÇÃO ELETRÔNICA MELÃO

Cadastre-se e receba preços semanais de melão.
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil



Qualidade da fruta deve ser boa em 2009

Inverno favorece produção macieira

Segundo agentes do setor, o inverno deste ano (iniciado em 20 de junho, se estendendo até 22 de setembro) foi considerado satisfatório para a produção de maçã no Brasil, devendo resultar em frutos de qualidade satisfatória para a safra de 2009. A quantidade de horas de frio é elemento chave para o desenvolvimento e a qualidade da maçã - entre os fatores estão aqueles ligados ao bom descanso da planta durante o inverno, a resistência da polpa, coloração, conservação, tamanho, etc. A maçã brasileira necessita de, no mínimo, 600 horas de frio abaixo de 7,2°C por ano. Até o fim de julho deste ano, as horas de frio acumuladas abaixo dessa temperatura nas regiões de Fraiburgo (SC), São Joaquim (SC) e Vacaria (RS) chegaram a 396, 494 e 442, respectivamente. O frio de junho foi o mais intenso, ao contrário de julho e agosto, quando a amplitude térmica aumentou, reduzindo as horas de frio.

Encerra período de dormência nos pomares

Em setembro, ocorre a quebra da dormência das macieiras nas regiões de São Joaquim (SC), Fraiburgo (SC) e Vacaria (RS). Segundo produtores, a dormência pode ser definida como o estado de um organismo vivo aparentemente inativo, cujo crescimento visível é isento temporariamente. Uma maior exposição ao frio acelera a quebra da

dormência, reduzindo o tempo necessário para a brotação. Em São Joaquim, por exemplo, a brotação antecipada pelas baixas temperaturas teve início em meados de agosto, entre os dias 20 e 30, segundo produtores da região. Em média, 10 dias após iniciada a brotação nos pomares começa o processo de floração, que se estende por cerca de três semanas. Neste período, quanto menor a intensidade de chuva e frio, maior a garantia de que as flores gerarão frutos, a serem colhidos entre o fim de janeiro e o fim de abril. Caso contrário, ou seja, havendo a ocorrência desses dois fenômenos durante a florada, as abelhas não realizam a polinização, reduzindo a quantidade de frutos. Neste mês, também é feito os tratamentos culturais nos pomares, visando controlar principalmente a sarna da macieira (*Venturia inaequalis*) - doença que mais preocupa pomicultores. Presente em todas as regiões produtoras, a sarna pode causar perdas de até 100% na produção de maçãs.

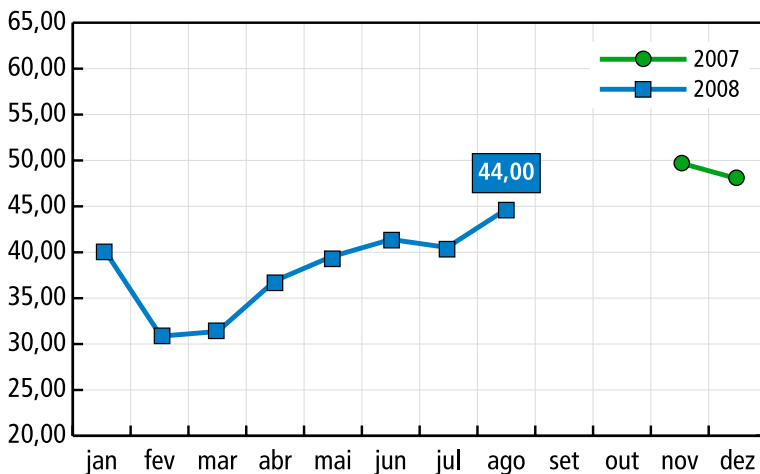


Demanda aquecida e menor oferta elevam preços

Com o aumento das temperaturas, a demanda pelas variedades de maçãs gala e fuji deve seguir aquecida em setembro, elevando as vendas no mercado interno. A oferta, por sua vez, deve ser menor, impulsionando as cotações. O volume da gala reduz com mais intensidade a partir de setembro, com sua distribuição devendo ser realizada até novembro a medida em que os pedidos forem feitos. A oferta de fuji, a qual é superior a da gala no período, deve ocorrer até o início do próximo ano. Devido a sua maior oferta em relação à gala, a elevação nas cotações da fuji não deve ser tão significativa.

Maçã argentina é preferência de brasileiros

As importações do Brasil de maçã argentina deverão permanecer crescentes em setembro. Até julho, o Brasil já havia importado cerca de 27,5 mil toneladas de maçã, segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex), sendo que 90% deste volume veio da Argentina. Em relação ao mesmo período do ano anterior (julho/07), apesar da relativa estabilidade no volume importado da Argentina, a receita aumentou 53% neste ano. Em setembro, além da fruta argentina, deverão ser importados poucos volumes de maçãs francesas e chilenas.



Alta nos preços em agosto

Preços médios de venda da maçã gala categoria 1 (calibres 80 -110) no atacado de São Paulo - R\$/cx de 18 kg

Fonte: Cepeca



Brasil ainda tem dificuldade em exportar para o Mercosul



Exportações não reagem

Em julho, o volume de banana brasileira exportado para o Mercosul ficou abaixo do esperado para esta época do ano. Apesar de a receita ter sido praticamente a mesma que a de julho de 2007, a quantidade diminuiu 38% no mesmo período, sendo a Argentina o principal responsável por essa queda. Os pedidos desse país oscilaram bastante neste ano, uma vez que a banana do Equador, que seria destinada à Europa, teve a qualidade comprometida e foi escoada ao mercado argentino a preços mais competitivos. Em setembro, as exportações brasileiras devem permanecer lentas, devido à oferta de banana da Colômbia e do Paraguai no mercado argentino a cotações inferiores às praticadas no Brasil. Com isso, a banana brasileira, que tem custo de produção elevado, deverá ser menos procurada neste ano em relação à fruta dos demais países.

Rio Grande do Norte contabiliza perdas

Com o final da estação de chuvas no Rio Grande do Norte, foi possível contabilizar as perdas pelas enchentes ocorridas no Vale do Açu em março deste ano, quando uma parte dos bananais foi dizimada. Segundo a Del Monte, maior empresa especializada na produção de banana para exportação no Nordeste, houve perda total de plantas e cachos em pelo menos quatro das 11 fazendas desta empresa, o que

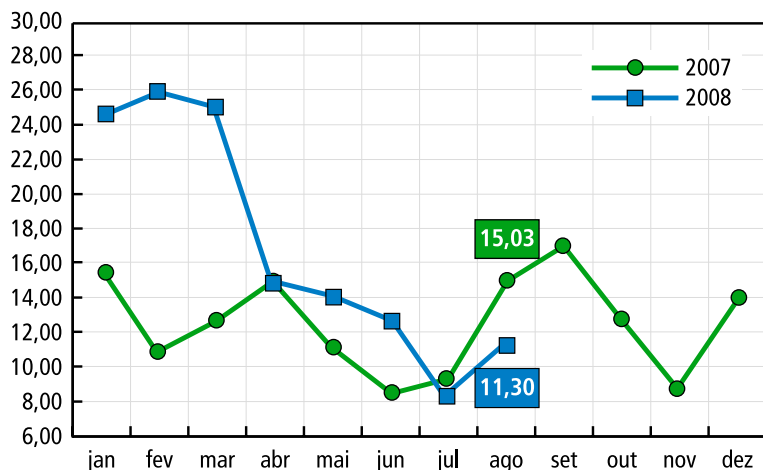
contabiliza aproximadamente 1.000 ha de área, e que, segundo a própria empresa, não deverá ser recuperada. Junto com a drástica queda na área de produção, houve demissão de cerca de 1.600 funcionários que tinham a bananicultura como fonte de renda. Com isso, as exportações à Europa reduziram 58% de abril a julho de 2008 na comparação com a mesma época do ano passado, quando o volume enviado era crescente (Secex). Para 2009, os envios devem se manter em baixa, pelo menos até que os bananais pouco afetados pela enchente volte a produzir em volume e qualidade para exportação.

Oferta de nanica controlada em setembro

A oferta de nanica no Vale do Ribeira (SP) e no norte de Santa Catarina deve permanecer controlada em setembro, sustentando os patamares elevados de preços registrados desde o início do ano. A partir de outubro, período que inicia a entressafra, as cotações devem reagir com mais força, mantendo o movimento altista até meados de novembro (pico de safra). Em agosto, na média dessas regiões, os preços foram cotados a R\$ 9,13/cx de 22kg, leve recuo de 5% em relação a julho. Essa pequena queda decorreu do ligeiro aumento na oferta, reflexo do atraso da safra e do clima favorável ao desenvolvimento dos cachos.

Produtores mineiros retomam colheita da prata

Devido ao clima frio na última quinzena de julho, a colheita da prata no norte de Minas Gerais foi interrompida, sendo retomada no início de agosto. Assim, a concentração de oferta deve ser deslocada para setembro, podendo coincidir com o pico de safra do Vale do Ribeira. Como ocorreu no ano passado, produtores mineiros deverão fixar os preços de venda da fruta, mantendo-os elevados mesmo em período de safra. Com a coincidência das safras mineira e paulista, a cotação do Vale deve se manter próxima ao mínimo estimado pelos bananicultores para cobrir os gastos com a cultura, mesmo com a boa qualidade da fruta.



Apesar da elevada oferta, produtores fixam preço da prata

Preços médios recebidos por produtores do norte de Minas Gerais pela prata-anã - R\$/cx de 20 kg

Fonte: Cepea

SEÇÃO ELETRÔNICA BANANA

Cadastre-se e receba preços semanais de banana.

www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil



Começam exportações brasileiras

Saída do México favorece embarques brasileiros

Neste segundo semestre, os primeiros embarques de uva *thompson* e *festival* do Vale do São Francisco para os Estados Unidos ocorrem nas primeiras semanas de setembro, devendo seguir até o final de outubro para essas variedades. Com a saída do México do mercado norte-americano, o Brasil ganha espaço, suprimindo a demanda diversificada dos EUA. Entre os meses de maio a julho, período das importações norte-americanas de uvas mexicanas, o volume diminuiu 2% em relação a 2007, totalizando cerca de 130 mil toneladas, de acordo com o Serviço de Comercialização Agrícola do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (AMS/USDA). Ainda que as expectativas sejam de alta produção na safra da Califórnia, o país é um grande exportador, não devendo prejudicar os embarques brasileiros. Os Estados Unidos são o segundo maior exportador mundial de uva em receita, sendo os principais destinos o Canadá, México, Hong Kong, China e Malásia, apresentando expansão para os mercados da China, Taiwan, Austrália e Indonésia. De 2006 para 2007, as exportações de uvas dos Estados Unidos cresceram 11%, segundo dados do Serviço de Agricultura Estrangeira do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (FAS/USDA).

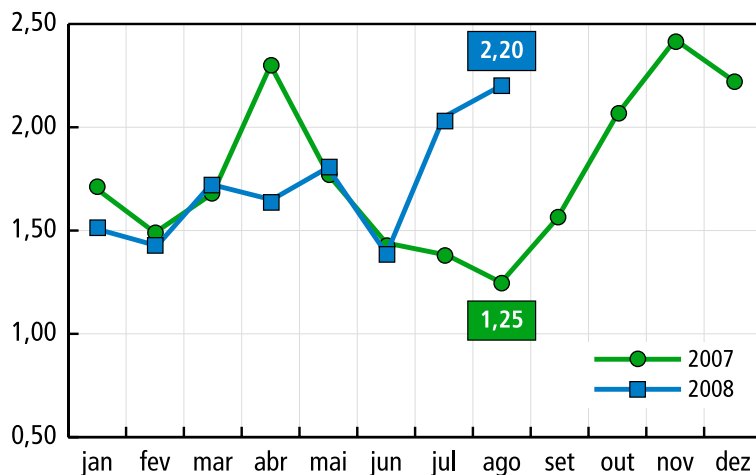
No Vale do São Francisco, a área cultivada com uvas sem semente tem aumentado, já que essas variedades possuem um mercado exportador atrativo. Do total plantado, as estimativas são de que as variedades sem semente já ocupem cerca de 70%. Para a safra 2008, o aperfeiçoamento das técnicas de produção e o repouso dos parreirais durante o primeiro semestre deverão favorecer a produtividade, que na região tem alcançado de 30 a 35 t/ha. O clima favorável, com temperaturas noturnas mais amenas em junho/julho, contribuiu para o peso de cacho e diâmetro das bagas desta safra.



Regiões paulistas entram em pico de safra

As regiões de Jales e Palmeira d'Oeste (SP) entram em pico de safra em setembro. Neste mês, a oferta mais concentrada para o abastecimento do mercado nacional poderá acarretar em queda nas cotações da fruta quando comparadas com as de julho e agosto. Nesta safra, os preços iniciais se sustentaram pela menor oferta nas praças paulistas, sem ocasionar excedentes como em 2007. Em agosto, a Itália foi comercializada à média de R\$ 2,17/kg, alta de 64% sobre agosto/07. A uva rústica dessas praças também tem registrado preços elevados desde o início da colheita.

Vale aumenta área de uvas sem semente



Safra de Pirapora termina em outubro

A região de Pirapora (MG) finaliza o período de pico de safra em meados de setembro, encerrando a temporada em outubro. Diante da concentração de oferta em agosto, especialmente na segunda quinzena do mês, os preços caíram. Ainda assim, continuaram superiores aos de igual período de 2007, tendo em vista que um menor volume de uva foi disponibilizado pelo Vale do São Francisco entre julho e agosto deste ano. Tal fato favoreceu a comercialização da região mineira, que envia a fruta para outros estados vizinhos. A uva rústica, que também tem se destacado na produção mineira, atingiu cotações médias superiores às de variedades finas, com média de R\$ 2,91/kg para a niagara embalada.



Oferta controlada eleva preços

Preços médios recebidos por produtores pela uva Itália - R\$/kg

Fonte: Cepea

SEÇÃO ELETRÔNICA UVA

Cadastre-se e receba preços semanais de uva.

www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil

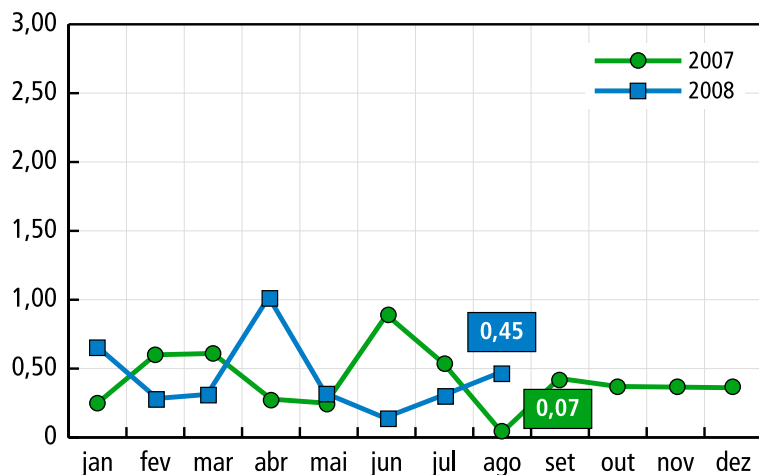


Aumenta receita com exportação

Exportações reduzem, mas receita aumenta 28%

De acordo com dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex), houve redução de cerca de 20% nas exportações brasileiras de mamão de junho para julho deste ano, sendo enviadas ao exterior pouco mais de 2,3 mil toneladas da fruta. No acumulado de janeiro a julho de 2008, foram embarcadas 19,2 mil toneladas de mamão, volume próximo ao do mesmo período do ano passado. Já a receita obtida de janeiro a julho deste ano foi 28% maior que a de igual período de 2007. A elevação na receita está em parte relacionada ao crescimento das exportações via aérea do mamão, o que agrega valor ao produto. Além disso, as renegociações feitas por exportadores, visando compensar a desvalorização do dólar e aumento nos custos de produção, contribuíram para a elevação do montante. Houve acréscimo de cerca de 14% no transporte feito por aviões e redução de 22% no marítimo. Na primeira quinzena de agosto, o mamão *golden* tipo 9s foi vendido à média de US\$ 15,34/cx de 3,5 kg nos portos de Baltimore, Boston e Filadélfia (EUA), segundo dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA). Esse preço foi 20% maior que o registrado em agosto de 2007, para os mesmos portos. Agentes acreditam que as exportações devem ter ligeiro aumento em setembro, devido ao acréscimo esperado na produção de mamão no Espírito Santo.

Volume de formosa reduz no final do mês



Preço do havaí segue em alta

Preços médios recebidos por produtores do Espírito Santo pelo mamão havaí tipo 12-18 - R\$/kg

Fonte: Cepea



Oferta deve aumentar no Espírito Santo

A oferta de mamão havaí deve se elevar em setembro no Espírito Santo, ocasionando uma possível queda nos preços no mercado interno. O aumento esperado para as vendas para o período, contudo, pode conter essa retração. A maior incidência de chuvas e a temperatura mais alta, prevista para setembro, segundo o Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos (Cptec/Inpe), reforçam a expectativa de elevação no volume colhido. De julho para agosto, houve valorização de 50% do mamão havaí, menor que o esperado por produtores. Esses agentes aguardavam uma alta superior à ocorrida, por conta da baixa oferta do produto em julho. O menor calibre da fruta, no entanto, foi um dos responsáveis por reduzir as vendas e conter a reação dos preços.

Menor volume no RN garante preço elevado do formosa

O mamão do Rio Grande do Norte deve continuar valorizado em setembro, já que a oferta segue reduzida no estado. Ao contrário dos preços praticados nas demais regiões produtoras, o havaí potiguar teve elevada média de R\$ 1,11/kg entre junho e agosto de 2008 – o tempo chuvoso manteve a produção baixa no período. Com relação às exportações, segundo a Secex, de janeiro a julho deste ano houve queda expressiva nos embarques para a Alemanha, Argentina, Itália e Reino Unido, se comparado aos do mesmo período de 2007. Essa redução, porém, foi compensada pelo aumento de 24% nas vendas à Holanda e de 171% ao Canadá, principais mercados importadores da fruta brasileira.

SEÇÃO ELETRÔNICA MAMÃO

Cadastre-se e receba preços semanais de mamão.
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil

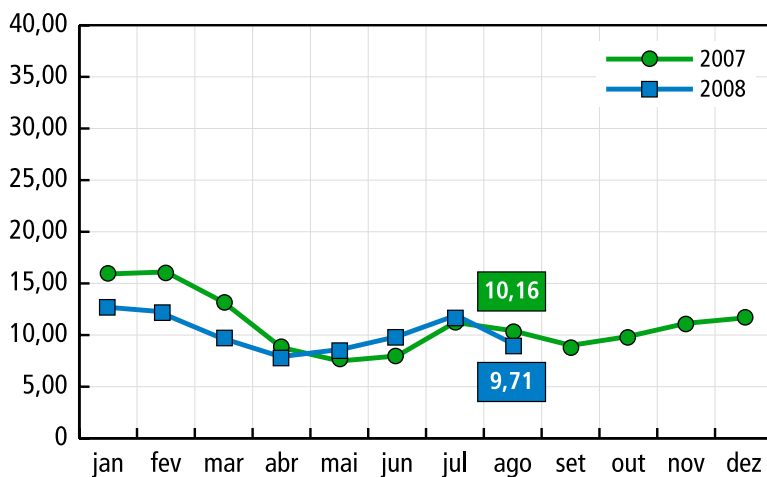


Saem primeiras estimativas de safra da Flórida

Safra 2008/09 da Flórida deve girar em torno de 150 milhões de caixas

A safra de laranja 2008/09 da Flórida, que começa a ser colhida em outubro, pode ser 12% menor que a anterior, com volume estimado em agosto pela especialista Elisabeth Steger em 150 milhões de caixas. A redução decorreria tanto do menor número de árvores em comparação com o ano passado quanto da diminuição de frutas por árvore. Além de Elisabeth Steger, a multinacional Louis Dreyfus também divulgou em agosto estimativa para a produção da Flórida, apontando 156 milhões de caixas. Essas duas estimativas privadas são bastante aguardadas pelo setor, uma vez que são os primeiros números referentes à próxima safra da Flórida. A produção por volta de 150 milhões de caixas não atende à demanda interna norte-americana, o que deverá resultar em menores estoques locais na próxima temporada. Um quadro mais consistente sobre a próxima safra da Flórida deve sair neste mês de setembro, quando será divulgado o censo bianual de árvores do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA). O censo pode indicar redução no número de árvores devido ao alastramento do *greening*, mal que requer a erradicação das árvores infectadas. Em outubro, o USDA divulga a primeira estimativa de safra referente à temporada 2008/09.

Baixa qualidade derruba preços no spot



Spot cai com retração da indústria

Preços médios recebidos por produtores paulistas pela laranja no portão das indústrias - R\$/cx de 40,8 kg

Fonte: Cepea

Os preços da laranja recuaram em agosto, devido à baixa qualidade da fruta, que não está atingindo rendimento adequado para produção do suco. As múltiplas floradas ocorridas no ano passado promoveram uma safra desuniforme, com frutos em estágios variados de maturação. Com isso, o volume da variedade pêra com maturação adequada era insuficiente para que as empresas estivessem moendo. Nesse cenário, o preço no portão da indústria (mercado *spot*) recuou 11,32% em agosto frente ao mês anterior, com média de R\$ 9,71/cx de 40,8 kg. A pressão veio também da retração das empresas, que mantiveram o ritmo de compras de fruta no portão bastante lento. Para agravar, houve interrupção das atividades de uma das unidades de uma grande empresa processadora. Alguns produtores acreditam que as indústrias devem intensificar as atividades a partir de setembro, coincidindo com o aumento da oferta de laranjas no estado de São Paulo.



Oferta deve aumentar em setembro

A oferta de laranja no estado de São Paulo deve apresentar maiores volumes em setembro. Com isso, agentes do setor acreditam que as fábricas deverão intensificar o seu processamento. Além do provável aquecimento da demanda pelas empresas de suco pela fruta, a maior demanda doméstica também pode melhorar para o mercado da fruta fresca nacional, uma vez que a estação do calor deve começar neste mês (primavera).

IEA divulga nova estimativa de safra paulista em setembro

Em setembro, o Instituto de Economia Agrícola (IEA) deve divulgar sua segunda estimativa da safra 2008/09 do estado de São Paulo. Em maio, o IEA estimou um volume de 368,2 milhões de caixas, maior que o da safra passada (365 milhões de caixas). Esses números foram contestados pelo setor citrícola, já que o clima em 2007 prejudicou os pomares paulistas de laranja. Produtores acreditam em um decréscimo de 20% na atual safra em relação à anterior.

SEÇÃO ELETRÔNICA CITROS

Cadastre-se e receba preços semanais de citros.

www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil

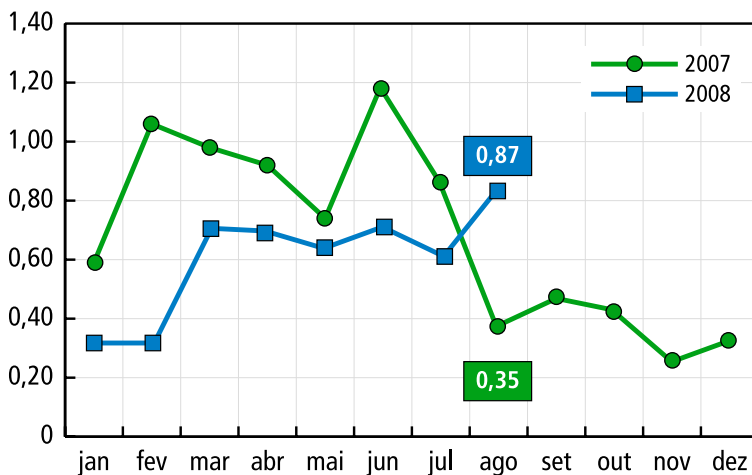


Embarques aos EUA devem aumentar em setembro

A exemplo de anos anteriores, o volume de manga enviado pelo Brasil aos Estados Unidos deve aumentar a partir de setembro, quando ocorre a finalização da safra mexicana. Em agosto, os embarques da manga *tommy atkins* para os norte-americanos registraram um pequeno volume, que aumentou gradativamente a cada semana. Quanto aos embarques mexicanos aos Estados Unidos, o Serviço de Informações Agropecuárias e Pesqueiras do México (SIAP) anunciou que, até a última semana de agosto, o México havia enviado 14,7% a menos do que o registrado no mesmo período de 2007. Essa diminuição está atrelada a uma possível queda na produção mexicana e ao atraso no término da safra por conta de adversidades climáticas. Até o fechamento desta edição, o SIAP havia divulgado apenas os dados referentes ao mês de julho, que indicavam que a área colhida foi de 87,5% do total da área plantada no país.

Floradas e frutos indicam safra normal no interior de SP

As regiões produtoras de Monte Alto (SP) e Taquaritinga (SP) apresentaram em julho e agosto florada irregular, visto que os pomares colhidos tardiamente na última safra demoraram mais para florescer nesta temporada. Essa situação, contudo, não deve refletir em alterações significativas nos preços durante a colheita



Oferta restrita e exportações impulsionam os preços

Preços médios recebidos por produtores de Petrolina (PE) e Juazeiro (BA) pela *tommy atkins* - R\$/kg



Fonte: Cepea

a partir de novembro, visto que o desenvolvimento dos pomares deve se normalizar até o início da safra. De acordo com o Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos (Cptec/Inpe), a temperatura e o índice pluviométrico devem seguir próximos à média histórica da região nos próximos meses. Com isso, indústrias processadoras da polpa de manga já começaram os contatos com seus compradores. Essas indústrias esperam por uma safra semelhante à de 2007, com um volume processado limitado apenas pelos mangicultores paulistas, que decidem a quantidade de fruta fornecida à processadora. Isso porque, essas unidades, geralmente, oferecem aos produtores valores inferiores aos praticados no mercado interno pela fruta *in natura*.

Mercado europeu favorável à manga brasileira

As exportações brasileiras de manga à União Européia devem aumentar a partir de setembro, quando diminui o volume importado pelo bloco europeu de outros países, como Israel e Porto Rico, e, além disso, aumenta a oferta nas roças brasileiras. De acordo com o Serviço de Comercialização Agrícola do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (AMS/USDA), a manga *tommy atkins* brasileira foi comercializada, em média, a US\$ 7,79/caixa de 4 kg em agosto no porto de *New Covent Garden* (Inglaterra), alta de 73,1% se comparado ao mesmo mês de 2007, devido à menor oferta de países produtores nesta época do ano.

Produtores nordestinos intensificam colheita

Ao longo de setembro, mangicultores das regiões de Petrolina (PE), Juazeiro (BA) e Livramento de Nossa Senhora (BA) devem intensificar a colheita da manga, sendo a *tommy atkins* a variedade com maior volume no mercado. A colheita neste período é principalmente resultante das floradas naturais ocorridas entre abril e maio, período em que não foram registradas chuvas que poderiam afetar a qualidade dos frutos. A expectativa de mangicultores é de que o volume ofertado seja elevado durante toda a safra, com intensificação em outubro e novembro, o que provavelmente pressionará os preços.

SEÇÃO ELETRÔNICA MANGA

Cadastre-se e receba preços semanais de manga.

www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil



"O PICO DE ALTA DOS PREÇOS PODE TER FICADO PARA TRÁS"

ENTREVISTA: **Eulina Nunes**

Eulina Nunes é economista formada pela Universidade Federal Fluminense (UFF), também bacharel em direito na Universidade Gama Filho (Brasília/DF), com pós-graduação na área de recursos humanos na Faculdade Béthencourt da Silva (RJ). Tem experiência no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) na área de inflação, onde atua na coordenação de índices de preços ao consumidor e construção civil.

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), do IBGE, é o índice utilizado pelo governo brasileiro para determinar metas de inflação e políticas de juros. O índice é baseado na média do custo de vida nas 11 principais regiões metropolitanas do País para famílias com renda de 1 até 40 salários mínimos.

Hortifruti Brasil: Qual é o peso das frutas e hortaliças para o IPCA/IBGE?

Eulina Nunes: No cálculo do IPCA de julho de 2008, as frutas representam 0,81% do total das despesas das famílias, o que, somado ao peso de 0,17% das hortaliças, totaliza 0,98%. Se acrescentarmos, ainda, o percentual de 0,74% referente aos tubérculos, raízes e legumes, chegaremos a 1,72% de participação (ou peso) dos alimentos *in natura* na despesa familiar.

HF Brasil: Qual foi a participação das frutas e hortaliças na inflação calculado pelo IBGE em 2007 e no primeiro semestre de 2008?

Eulina: O percentual de 1,72% a que se refere o item acima é relativamente grande. Para se ter uma idéia, é bem superior aos cereais (arroz e feijões), que pesam 1,26%. E não muito longe do item carnes, cujo peso é 2,17%. São comparações que nos dão sentido de grandeza dos números. No ano de 2007, os tubérculos, raízes e legumes tiveram alta de 25,8%, enquanto as hortaliças aumentaram 17,03% e as frutas, 5,8%. Em termos de impacto (ou contribuição), os três itens, juntos, foram responsáveis por 0,2 ponto percentual da taxa de 4,46% referente ao IPCA daquele ano. Agora, neste ano, considerando de janeiro a julho, os tubérculos já atingiram alta de 40,6%, as hortaliças somente 4,84%, ao passo que as frutas apresentaram uma pequena queda de 0,61% no período. Em termos de impacto (ou contribuição), está em 0,23 ponto percentual a responsabilidade dos três itens sobre a taxa de 4,19% do IPCA neste ano.

HF Brasil: Muito se fala da inflação do tomate e da batata. Esses itens realmente causam inflação? O peso deles e a sazonalidade de preços – ora sobe, ora desce – não anulam, no longo prazo, o impacto sobre a inflação?

Eulina: É mais ou menos assim: neste ano, de janeiro a julho, os preços do tomate chegaram a aumentar 128,21%, ao passo que, em 2007, os preços haviam tido queda de 16,13%. Já a batata teve variação de apenas 0,86% neste ano, considerando de janeiro a julho, enquanto em 2007 a alta chegou a 68,61%. Em geral, junto com todos os fatores que influenciam a atividade agrícola, como clima, doenças, etc., há a decisão dos agentes econômicos, que tendem a buscar o que foi mais rentável num ano e a abandonar o que foi menos. Ou seja, se em determinado ano os preços recebidos pelo setor não compensaram, a tendência é que o plantio se reduza na safra do ano seguinte e vice-versa.

Os hortifrutícolas têm uma elevada importância (ponderação) no cálculo da inflação. No grupo dos alimentos, eles são maiores que os cereais, ficando abaixo do das carnes.

HF Brasil: Com a perspectiva de limitação da alta dos preços das commodities, poderemos estar numa situação de inflação baixa e preços altos no segundo semestre?

Eulina: Com base nos últimos dados do IPCA, os preços dos produtos alimentícios já dão sinais claros de queda, mostrando que o pico de alta pode ter ficado para trás.

Dos 4,46% de inflação acumulada em 2007 (IPCA), os hortifrutícolas contribuíram com 0,2%.

HF Brasil: *Antes desse ciclo de alta das commodities agrícolas, recomendava-se não considerar esse movimento, tendo em vista porque são produtos sazonais. Para políticas macroeconômicas, o ideal seria olhar o núcleo da inflação. Essa opinião mudou depois da alta recente dos alimentos?*

Eulina: De fato, uma visão de política macroeco-

nômica continua consistindo em analisar o núcleo da inflação. Neste sentido, produtos sazonais, em geral, ficam de fora. Neste ano, no entanto, o que os resultados do IBGE evidenciam é que, no caso do tomate, embora tenha características sazonais, o produto apresentou altas significativas e persistentes ao longo do período. Seus preços mais que dobraram em função, basicamente, da redução da área plantada, conseqüência da safra anterior não ter deixado boa remuneração para os agricultores. Assim, constitui-se, o tomate, num item a parte, diferenciando-se tanto da alta das commodities agrícolas quanto dos itens tipicamente sazonais. Resta acompanhar se, neste segundo semestre, haverá ou não quedas de preços de forma a anular a alta ocorrida.

Núcleo da inflação = é o chamado “coração da inflação”. Dele são excluídos itens com forte oscilação de preços, principalmente, por razões sazonais. A motivação para se criar um “núcleo” para a inflação surgiu da necessidade de eliminar, em determinados períodos, a variação de alguns preços considerados não-representativos.



“OS HORTIFRUTIS CONTRIBUÍRAM PARA A INFLAÇÃO DO IPC”

ENTREVISTA: **Paulo Picchetti**

Paulo Picchetti é professor da Escola de Economia de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (EESP/FGV) e coordenador do Índice de Preços ao Consumidor - (IPC) do Instituto Brasileiro de Economia (Ibre) da FGV. Picchetti é mestre em economia pela Universidade de São Paulo (USP) e doutor também em economia pela Universidade de Illinois (EUA).

ÍNDICE DE PREÇOS AO CONSUMIDOR (IPC) – A Fundação Getúlio Vargas (FGV) calcula vários “tipos” de Índice de Preços ao Consumidor (IPC). O IPC-S tem periodicidade semanal, ao passo que o IPC-DI, IPC-M e o IPC-10 são calculados mensalmente. Todos eles refletem o *custo de vida* (todas as despesas) de famílias com renda mensal de 1 a 33 salários mínimos, residentes nas seguintes capitais: São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife e Brasília. A participação de cada capital nos índices – a mesma para todos eles – é proporcional à sua população. Há IPCs específicos para o Rio de Janeiro (IPC-RJ) e São Paulo (IPC-SP).

Hortifrutí Brasil: *Qual é o peso das frutas e hortaliças para o IPC/FGV?*

Paulo Picchetti: O grupo de hortaliças e legumes tem peso de 3,2% no item *alimentação*, fica atrás apenas de laticínios (3,23%) e carnes bovinas (3,21%). O grupo frutas vem logo atrás, com 3,19%. Essa ponderação é de agosto, já que os pesos mudam um pouco a cada mês devido à forma de cálculo (Laspeyres). O peso dos hortifrutícolas não é pequeno em termos comparativos com os vários outros sub-grupos do IPC: frutas, hortaliças e legumes estão entre os 15 maiores pesos (de um total de 85 sub-grupos).

“O peso dos hortifrutícolas não é pequeno em termos comparativos com os vários outros sub-grupos do IPC: frutas, hortaliças e legumes estão entre os 15 maiores pesos (de um total de 85 sub-grupos)”.

HF Brasil: Qual foi a contribuição das frutas e hortaliças na inflação medida pelo IPC em 2007 e no primeiro semestre de 2008?

Picchetti: O IPC/FGV de 2007 foi 4,61%. Deste total, a alimentação como um todo contribuiu com 3%, as hortaliças e legumes com 0,6% e as frutas 0,3%. No primeiro semestre de 2008, a contribuição da alimentação para o IPC manteve-se na mesma proporção. Dos 3,84% do IPC acumulados no primeiro semestre, 2,5% referem-se a alimentação, 0,4% a hortaliças e 0,1% a legumes e frutas.

“Dos 4,61% do IPC/FGV acumulados em 2007, os hortifrutícolas contribuíram com 0,9%”.

HF Brasil: Muito se fala da inflação do tomate e da batata. Esses itens realmente causam inflação? O peso deles e a sazonalidade de preços – ora sobe, ora desce – não anulam, no longo prazo, o impacto sobre a inflação?

Picchetti: A principal característica da dinâmica de preços desses itens é, antes de tudo, a enorme volatilidade, principalmente quando comparada à de todos os outros itens do IPC. Normalmente, as oscilações tendem a se compensar ao longo do tempo, mas sem um padrão claro de sazonalidade como em outros itens. No caso do tomate, por exemplo, em 2007 chegamos a ter um aumento de 92% entre janeiro e março, mas no final do ano o acumulado em 12 meses foi de queda (-12,3%), evidenciando a volatilidade mencionada acima. Em 2008, temos alta acumulada de 101% nos seis primeiros meses. No caso da batata, os aumentos têm sido mais permanentes: 69,94% ao longo de 2007 e 9,64% nos primeiros seis meses de 2008, mas com várias oscilações no meio do caminho. Acredito que essa volatilidade decorra do fato de esses itens terem ciclos rápidos de produção e baixa capacidade de estoques,

o que torna seus preços muito sujeitos a choques de oferta de curto-prazo.

HF Brasil: Um outro ponto que observamos sobre as oscilações de preços nos hortifrutícolas – em especial da batata, tomate e cebola – são os ciclos econômicos da cultura, uma baixa capitalização (até negativa em muitos casos) diminui os investimentos no período seguinte...

Picchetti: Esse é um ponto importante para levarmos em conta nas nossas análises.

HF Brasil: Com a perspectiva de limitação da alta dos preços das commodities, poderemos estar numa situação de inflação baixa e preços altos no segundo semestre?

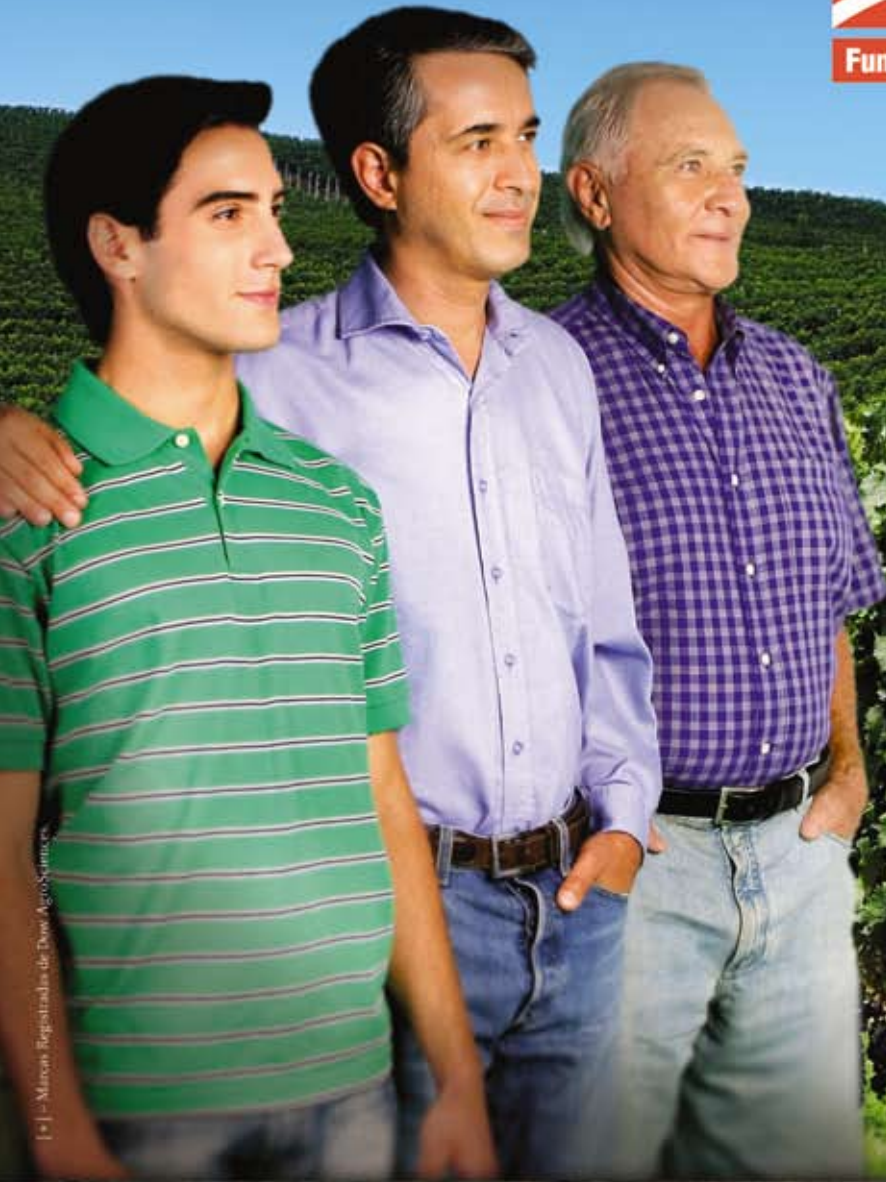
Picchetti: Acredito ser esse o cenário mais provável: em geral, os preços tendem à estabilidade, mas em um patamar bem superior ao do início de 2007, o que costuma causar a confusão no público sobre o conceito de inflação, já que os preços altos podem se manter. Mas, com aceleração zero, por definição inflação zero. Inflação ainda é muito associada à carstia pelo público em geral, mas para os economistas são dois conceitos bem distintos.

HF Brasil: Antes desse ciclo de alta das commodities agrícolas, muitos até recomendavam não considerar esse movimento porque são produtos sazonais, e o ideal seria para políticas macroeconômicas só olhar o núcleo da inflação. Essa opinião mudou depois da alta recente dos alimentos?

Picchetti: A alta de alimentos para mim torna esse argumento ainda mais forte, já que foi claramente associada a um problema de oferta. Nesse contexto, o núcleo de inflação é uma medida de extrema importância para tentar avaliar os efeitos da política monetária e o nível efetivo de aquecimento da economia, filtrando essas variações resultantes de choques de oferta. Os aumentos de preços decorrentes dos choques de oferta devem ser bem medidos pelos índices de preços “cheios”, já que sua finalidade é justamente a mensuração do custo de vida de um consumidor representativo. Por outro lado, devem ser cuidadosamente separados quando se tenta avaliar aumentos de preços decorrentes de excesso de demanda sob condições de oferta controlada. ■



Dow AgroSciences



Três gerações e uma tradição!

O sucesso de Dithane NT faz parte da tradição da família! Usado por gerações na proteção de batata, tomate e uva e outras 27 culturas. É atual e inovador! Quando alguém ia pensar em aplicar Dithane NT antes da chuva? Hoje, isso já é possível! E o que mais será possível, já pensou? Nossos pesquisadores continuam pensando...

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Use sempre com o equipamento adequado e siga as instruções de segurança contidas no rótulo. Não fume e não beba. Evite o contato com a pele e os olhos. Use sempre o equipamento de proteção individual. Nunca permita a utilização ao alcance dos menores de idade. Consulte sempre um engenheiro agrônomo. Verde sua realidade agronômica.



DuPont[™] Sistema + Proteção

Curzate[®] BR
fungicida

Midas[®] BR
fungicida

DuPont
Sistema + Proteção
Curzate BR Midas BR

1 + 1 = 3

**Numa única embalagem,
2 produtos, 3 princípios ativos.
+ Proteção para sua plantação.**

O Sistema + Proteção oferece a eficácia preventiva e sistêmica de Curzate[®] com a resistência à lavagem e a superproteção de Midas[®], em uma só caixa com os 2 produtos na medida certa para suas necessidades.
3 Principais Vantagens do Sistema + Proteção:

+ Economia

Mais econômico do que comprar os dois produtos separadamente

+ Praticidade

Tudo que você precisa, junto e pronto para usar

+ Proteção

3 diferentes modos de ação com efeito sinérgico e complementar na proteção

DuPont e Você. Pés no chão e olhos no futuro.

Agricultor, siga a legislação, não faça mistura de tanque.

© Copyright 2008 DuPont do Brasil S.A. - Todos os direitos reservados.

Cimoxanil - Mancozebe - Famoxate



Os milagres da ciência



ATENÇÃO: Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita ou faça-o a quem não souber ler. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

Consulte sempre um Engenheiro Agrônomo. Venda sob receituário agrônomo.





Muito mais que uma publicação, a **Hortifruti Brasil** é o resultado de pesquisas de mercado desenvolvidas pela Equipe Hortifruti do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), do Departamento de Economia, Administração e Sociologia da ESALQ/USP.

As informações são coletadas através do contato direto com aqueles que movimentam a hortifruticultura nacional: produtores, atacadistas, exportadores etc. Esses dados passam pelo criterioso exame de nossos pesquisadores, que elaboram as diversas análises da **Hortifruti Brasil**.

BOAS PRÁTICAS DE GESTÃO **É preciso inovar!**

Na edição Especial Batata de novembro, a Hortifruti Brasil, além de trazer um exemplo real de cálculo de custo de produção, apresenta técnicas modernas e inéditas de gestão de propriedade, discutindo ainda os principais itens que pesam no custo de produção com especialistas.

Patrocinador:
Reserve já seu espaço.
Fechamento comercial: 10/10

Contato:
hfbrasil@esalq.usp.br
Tel: 19 3429.8808

Uma publicação do CEPEA – ESALQ/USP
Av. Centenário, 1080 CEP: 13416-000 Piracicaba (SP)
tel: (19) 3429 - 8808 Fax: 19 3429 - 8829
E-mail: hfbrasil@esalq.usp.br
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil